

EXTRA, EXTRA: ELISEU  
ASSUME SEM TER  
PLANO DE GOVERNO

NORMAL, O ITAMAR  
TAMBÉM NÃO TEM!

DM



# BRASIL AGORA

PRONTO!  
ITAMAR JÁ  
COMEÇOU A FICAR  
ITAPIOR!!



ANO II Nº 34

8 A 21 DE MARÇO DE 1993

CR\$ 23.000,00

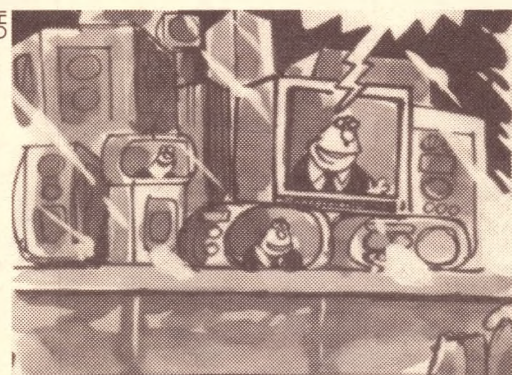
## QUE FALTA FAZ O GRANDE GOZADOR

REPRODUÇÃO/AE



*O filme e a vida política de Chaplin, o inesquecível vagabundo, na páginas 8 e 9*

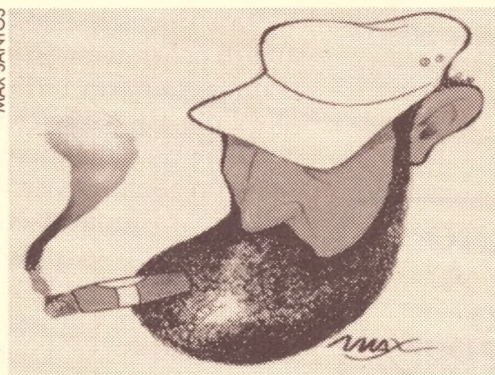
OH



OSÉ JOAQUIM DE NASCIMENTO/FI



MAX SANTOS



### **PLEBISCITO**

*PT decide se vai ser  
presidencialista ou  
parlamentarista*

**PÁGINAS 3, 6 E 7**

### **ELISEU**

*Itamar traz de volta  
o homem da  
Transamazônica*

**PÁGINAS 4 E 5**

### **CUBA**

*Nosso repórter  
conta como Fidel  
venceu as eleições*

**PÁGINAS 15 E 16**

# DIÁLOGO



## OUSADIA JÁ

Parabéns ao Brasil Agora, que está cada vez melhor. O último jornal (nº 33) trouxe um artigo muito bom, "Muito trovão e pouca chuva", do jornalista José Pereira. Excelente munição para a nossa luta socialista.

Por mais sombrios que sejam os tempos, não podemos esmorecer nunca na batalha ideológica permanente contra o parasitismo vampiresco do empresariado brasileiro.

Proponho que o PT discuta uma ampla campanha contra a sonegação fiscal, alicerçada em propostas radicais junto ao Congresso, como por exemplo a intervenção pública e a estatização de empresas privadas sonegadas (as lucrativas, claro. As deficitárias poderiam ser simplesmente fechadas). Já imaginaram a repercussão e o debate social de uma empresa do tamanho da Autolatina, por exemplo, ameaçada de ser estatizada por sonegação fiscal?

Isto é só um exemplo, o PT precisa mais do que nunca de ousadia.

**KLEBER CHAGAS**  
Brasília, DF

## MAIS CULTURA

Gostaria de parabenizar o jornal pela entrevista com o Caco Barcelos e pela matéria sobre o filme *Drácula*.

A entrevista abordou um assunto que novamente vem a público: a pena de morte. O artigo fala das condições do cidadão brasileiro, sem educação, assistência e perspectiva.

Agora nos damos conta de que o brasileiro hoje se prepara para escolher entre algumas "ofertas": forma e sistema de governo. Feita a escolha, me preocupa imaginar se vamos juntos para o mesmo caminho. Existem duas faces: as elites e os desqualificados, marginalizados e temerosos de mais um final infeliz.

A matéria sobre o *Drácula* traz um texto inteligente e poético, atinge aos aficionados pela bela arte das gran-



des interpretações e cultiva outro tipo de informação que não somente política.

**LION SOL**  
São Paulo, SP

## RESGATE DAS ORIGENS

Nos dias 22, 23 e 24 de janeiro ocorreu em São Paulo um seminário intitulado "Na Luta PT", que credenciou mais de 300 companheiros, representantes de 13 estados, para uma discussão tão importante quanto a criação do PT.

O que está em jogo é o futuro político-ideológico do PT. Depois de 13 anos este partido corre o risco de cair no canto da sereia da social-democracia. Isto aconteceu com tantos outros partidos de esquerda em outros países sem que o resultado agradasse a base.

Temos que ter como com-

## FALTOU CONSULTA

A propósito da nota "Noivado rompido", publicada na coluna "Toque Sindical", edição nº 33, gostaríamos de esclarecer que a matéria não reflete a realidade da situação em que se encontra o processo de unificação do Sindicato dos Petroleiros de Mauá com o de São Paulo.

1) O processo de unificação foi aprovado pelos petroleiros de Mauá, São Paulo, Guarulhos, São Caetano do Sul, Barueri e Suzano, em assembleias simultâneas realizadas no dia 07 de janeiro de 1992, e continua sendo encaminhado dentro do calendário proposto.

2) Toda a campanha salarial, que teve início em agosto de 1992 e terminou em janeiro de 1993, foi encaminhada conjuntamente pelas diretorias dos dois sindicatos.

3) Conforme calendário aprovado, após a campanha salarial voltamos a realizar reu-

niões conjuntas entre as duas diretorias para decidir os próximos passos da unificação.

4) Naturalmente que enfrentamos dificuldades de várias naturezas, porém o compromisso e visão estratégica têm contribuído para vencermos estes desafios.

5) Cabe observar ainda que estranhamos, por parte deste jornal e do profissional que assina a matéria, o contraponto pretendido entre a nota que trata da unificação dos metalúrgicos do ABC - casamento à vista - com a que aborda a unificação dos petroleiros de Mauá e São Paulo - noivado rompido -, uma vez que as direções dos sindicatos nem sequer foram consultadas, o que era esperado como postura de um veículo de comunicação que se propõe alternativo e enajado.

**JOSÉ SAMUEL MAGALHÃES**  
Pres. do Sindipetro São Paulo



promisso imediato a retomada de nossos objetivos originais. Se recordarmos, nas últimas eleições a militância andou tão afastada do partido quanto o partido dela.

A continuar assim, o próximo passo é fazer caixinha entre os empresários para se ter como segurar alguém nas ruas.

Portanto, ou seguramos

o PT na luta ou teremos que fundar, eternamente, outro partido popular e fiel às origens.

**MARCELO ILDEU DE CASTRO**  
Serra - ES



# Razões do parlamentarismo

## 1. A RAZÃO CRÍTICA

O que mais choca no discurso de nossa esquerda presidencialista é a inexistência de uma crítica às instituições do Estado burguês. Isto explica o paradoxo de uma proposta que deposita esperanças radicais numa instituição em torno da qual sempre girou a ordem. O ponto de partida elementar para uma política socialista é a consciência de que, nas condições concretas da formação social brasileira, a presidência da República resultou de uma revolução burguesa feita por cima, a partir do Estado e de um pacto das elites, sem romper com a velha sociedade. Tornou-se reduto do autoritarismo, do abastardamento do Legislativo, da irresponsabilidade dos partidos, da política inorgânica e do messianismo liberal ou populista. O fim do presidencialismo é uma exigência democrática.

*Mesmo setores da esquerda nutrem uma secreta paixão por métodos populistas*

## 2. A RAZÃO ESTRATÉGICA

A implantação do parlamentarismo no Brasil será uma derrota para o que há de mais arcaico na vida política nacional. Desagregará uma instituição basilar da dominação burguesa, o presidencialismo, enfraquecendo uma cultura e uma prática política excludentes, que mantêm os trabalhadores e o povo como espectadores da grande política e dos assuntos do Estado. A implantação do parlamentarismo articula-se com as reformas democráticas necessárias ao país, que serão inevitavelmente deflagradas como disputa real. Para quem acha que a estratégia é apenas o fim e que ao povo interessa apenas pão e terra, isto não tem importância. Mas para quem concebe a estratégia como algo a ser construído no terreno social e reconhece que os trabalhadores não devem ser indiferentes à forma do Estado, trata-se de uma questão incontornável.

## 3. A RAZÃO REPRESENTATIVA

A propaganda presidencialista, veiculada pela TV, afirmou que na forma de governo atual o povo escolhe quem vai "mandar" no país. Eis a lógica do "governo forte", tema recorrente no pensamento da direita, acriticamente repetido por setores do PT. Tal discurso legitima o autoritarismo, a hipercentralização executiva dos órgãos estatais, o mito dos "salvadores da pátria" e o absentismo político das massas. Hipertrofiar o poder in-

dividual é negar a importância da representação política ou mantê-la na subalternidade. O parlamentarismo é a forma de governo capaz de, no capitalismo, reconciliar o exercício do governo executivo com a representação assentada no Parlamento, recolocando-a como eixo das disputas institucionais.

## 4. A RAZÃO DEMOCRÁTICA

A lógica dos socialistas deve partir da idéia da democracia como ambiente mais favorável às lutas dos trabalhadores. O parlamentarismo democrático é basicamente uma proposta para aprofundar a democracia política. Com eleição direta para presidente como chefe de Estado. Com o direito do Parlamento eleger e derrubar gabinetes. Com a dissolução legal dos mandatos parlamentares. Com o unicameralismo, eliminando a tutela senatorial. Com a proporcionalidade do sistema eletivo. Com a liberdade partidária, a soberania dos partidos sobre os mandatos e o voto em listas. Com o fim dos oligopólios nos meios de comunicação. E, sobretudo, com o movimento extra-parlamentar de massas perante o direito legal e a tarefa prática de lutar para derrubar governantes e parlamentares sempre que aplicarem políticas antipopulares.

## 5. A RAZÃO ORGÂNICA

No presidencialismo, os partidos são reduzidos a legendas eletivas e pressionados pela ação desagregadora da "autoridade central". A hegemonia burguesa adquire formas inorgânicas e despolitizantes, afinal entranhadas na cultura política. Mesmo setores da esquerda nutrem uma secreta paixão por métodos populistas, não raro considerados o caminho mais fácil para driblar as maiorias conservadoras nos legislativos. Reafirmam, assim, uma tradição nefasta para os trabalhadores, que só possuem suas entidades próprias, notadamente os seus partidos. O PT surgiu contra isto e se fortalecerá ainda mais sob o parlamentarismo, que é o regime dos partidos: cobra-lhes responsabilidade, coloca-os sob o crivo da opinião pública e os obriga a se comprometerem com programas. Os objetivos partidários exigem a construção da base orgânica permanente da política socialista.

\*RONALD ROCHA  
é membro da direção nacional do PT e do Movimento Parlamentarista Democrático de MG.



MAX SANTOS

# Razões do presidencialismo

## 1 - VOTO POPULAR.

O presidencialismo confere tanto ao Legislativo quanto ao Executivo a legitimidade da origem no voto popular. No parlamentarismo somente o Legislativo é eleito pelo povo. O primeiro ministro, chefe do Executivo, é escolhido por um colégio eleitoral. Isto mostra que o processo de constituição do poder no presidencialismo é mais democrático.

## 2 - SEPARAÇÃO DE PODERES.

O presidencialismo separa de forma nítida as diferentes esferas do poder e estimula a fiscalização e controle de uma por outra. O parlamentarismo gera uma simbiose entre Executivo e Legislativo que termina por castrar o último. É por isso que, nos países parlamentaristas da Europa, 95% das leis são originárias do Executivo. No presidencialismo americano, por outro lado, 70% das leis têm origem no Congresso. Isto significa que o presidencialismo não somente fortalece o Legislativo, como também descentraliza o poder.

## 3 - ELEIÇÕES POLITIZANTES.

No Brasil, as eleições para cargos majoritários são mais democráticas e politizantes, estimulam portanto maior participação popular. São elas que permitem o debate das grandes questões. Já as eleições para cargos legislativos são muito mais influenciadas pelo poder econômico e têm um caráter clientelista, paroquial e corporativo. Esta verdade inquestionável torna insustentável a posição dos que falam em democracia mas querem esvaziar ou simplesmente eliminar as eleições mais politizadas que temos.

## 4 - ROTATIVIDADE DOS DIRIGENTES.

No presidencialismo, um calendário eleitoral previamente determinado dificulta manobras. No parlamentarismo, o poder concedido ao partido dominante de es-

colher a data das eleições facilita manobras que podem falsear o resultado da consulta. Foi utilizando este tipo de mecanismo que Margareth Thatcher convocou eleições para logo depois da guerra das Malvinas. Venceu, porque explorou o clima patriótico reinante, evitando o debate sobre a recessão e o desemprego.

George Bush, submetido ao calendário do presidencialismo, não pôde convocar eleições para logo depois da Guerra do Golfo, quando tinha 90% da aprovação da opinião pública. Terminou derrotado numa eleição que discutiu a recessão e o desemprego. Isto revela que o presidencialismo garante uma maior rotatividade de dirigentes e de políticas.

## 5 - SISTEMA MODERNO.

Cabe ainda ressaltar que o parlamentarismo foi um pacto, entre a realeza e a burguesia ascendente da Europa, através do qual se operou a transição da idade média política para a modernidade. Por este caráter de ponte entre duas épocas, ele conserva características das duas. Enquanto o presidencialismo é propriamente um sistema moderno, mais adaptado aos países jovens, que não têm passado povoado por entulhos da Idade Média.

Estas razões e a clara compreensão de que foi sob bandeiras tipicamente presidencialistas, como diretas já, Lula presidente e impeachment para Collor, que o povo brasileiro se mobilizou pela conquista da democracia nos dão a segurança de que o PT e a sociedade não aceitarão o engodo parlamentarista, através do qual setores das elites pretendem restringir os espaços democráticos conquistados pelo povo brasileiro. Diretas sempre!

DEPUTADO VLADIMIR PALMEIRA  
Líder da Bancada do PT, membro da Coordenação dos Presidencialistas do PT

## CHAPLIN, O GOZADOR

O filme sobre a vida de Charles Chaplin provoca-nos uma reflexão inevitável nestes últimos anos do século XX: Carlitos faz falta. O grande gozador que mostrou Hitler como o grande palhaço que ele nunca deixou de ser, e que causava faniquitos a Edgard Hoover, o todo-poderoso chefe da FBI (EUA), teria um campo extraordinariamente fértil para o uso de sua ferramenta lancinante contra os pretensos donos do mundo: o riso. Se estivesse vivo e fazendo filmes, como Chaplin trataria os neoliberais, os yupies, os racistas e nacionalistas europeus? Ronald Reagan - como teria sido tratado pelo adorável vagabundo? Bem. Personagens ele teria aos montes. E isso tudo sem incluir o Brasil. Porque aí seria covardia, concorrência desleal, para dizer o mínimo. Pensando nisso, o Brasil Agora publica matéria sobre o filme, ao lado de um texto sobre a postura política de Chaplin, do jornalista norte-americano Joseph North (páginas 8 e 9).

As eleições de Cuba, que foram acompanhadas por nosso repórter Flávio Aguiar e pelo deputado petista Nilmário Miranda é outro assunto de destaque nesta edição (páginas 15 e 16).

O Brasil Agora traz ainda matérias sobre a polêmica nomeação de ex-colaborador da ditadura militar, Eliseu Resende, para o Ministério da Fazenda (páginas 4 e 5), e sobre o escândalo da privatização da telefonia móvel no Brasil (página 12). E marca a estréia em suas páginas da coluna do repórter e escritor Ricardo Kotcho (página 11).

# Itamar chamou um mamute

Ex-colaborador da ditadura militar, Eliseu Resende desagradou a direita e a esquerda

A substituição de Paulo Haddad por Eliseu Resende, no Ministério da Fazenda, gerou um rebuliço de grandes proporções no Congresso Nacional, nas bolsas de valores, nos sindicatos e na imprensa. Ao trazer para o seu principal cargo ministerial um ex-ministro da ditadura militar - serviu os governos Costa e Silva e Médici -, e ainda por cima para o Ministério da Fazenda, que carrega neste momento o nó da crise, Itamar Franco inevitavelmente lembra o estilo do seu antecessor Fernando Collor. Na forma, pela capacidade de surpreender aliados e opositores, tomando decisões de grande peso para os rumos do país, praticamente sem ouvir ninguém. No conteúdo, pela razão óbvia de que Collor também foi pródigo em recuperar dinossauros do regime militar.

E tem mais: Eliseu Resende não só serviu os militares, ajudando Andrezza a construir a Transamazônica, como também é identificado com práticas de irregularidades administrativas e corrupção (em 1975 o Tribunal de Contas condenou-o por desmandos no DNER; entenda-se por isso "superfaturamento de obras").

Se é verdade que Itamar não é a mesma coisa que Collor, pela composição diferenciada de seu governo - que hoje vai então de Eliseu Resende a Luíza Erundina - é verdade também que desta vez aquilo que se atribuía ao estilo de um "mineiro teimoso e temperamental" foi longe demais. E, independentemente do que Eliseu Resende possa significar quanto aos rumos da economia, a sinalização política de sua indicação parece apontar numa direção preocupante para o país. O governo Itamar inclinou-se para a direita e isso certamente terá desdobramentos em sua política de alianças no Congresso e quem sabe até na composição do ministério. O primeiro sinal disso, aliás, veio de uma reunião de parlamentares petistas com a ministra Luíza Erundina logo após a nomeação de Eliseu, tentando convencê-la de que havia chegado a hora dela deixar o ministério.

**REPERCUSSÃO.** O *frisson* causado por Eliseu Resende, teve influência direta no comportamento dos mercados.

Os papéis brasileiros no exterior despencaram, a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro fechou com uma queda de 4,1 pontos



percentuais, a de São Paulo perdeu 5,5%, o Banco Central teve que intervir no câmbio flutuante para breçar a especulação com dólares, o preço do boi gordo sofreu alta de 2,1%, os comerciantes de Porto Alegre começaram a remarcar os preços, enquanto o governo determinava o congelamento por um mês de oito produtos dos 36 que compõem a cesta básica da Rede Somar de Abastecimento... A tempestade dos índices refletiu a apreensão dos chamados agentes econômicos quanto ao futuro, indefinido. Vem aí um pacote econômico, congelando preços? O novo ministro da Fazenda (o terceiro, em cinco meses da gestão Itamar Franco) garante que não. "Não se combate a inflação com soluções superficiais, choques heterodoxos, congelamento de preços. O que é preciso é vontade política, esforço, trabalho, austeridade, poupança e produção", afirmou Eliseu Resende. A proclamação enfática do ministro pode ter afastado o nervosismo inicial, mas não diminuiu a apreensão.

**GREGOS E TROIANOS.** Sua indicação, por outro lado, não agrada nem gregos nem troianos. Empresários, financistas, economistas, banqueiros e líderes sindicais reagiram com cetismo, lembrando o fato de que Resende não é sequer economista, o que só podia significar que o próprio presidente se avocaria o papel de ministro da Fazenda. O que, aliás, foi confirmado pelo próprio Resende, quando declarou que a partir de agora "o presidente da República e o ministro da Fazenda, embora distintos, serão duas pessoas em uma só".

Os ex-ministros da Fazenda Maílson da Nóbrega e Luiz Carlos Bresser Pereira resumiram a apreensão do mercado, dizendo que a queda de Haddad é o fim da garantia de que não haverá um novo choque econômico. Porta-vozes do setor agrícola ficaram com a pulga atrás da orelha, com medo de atraso na liberação de recursos para a comercialização da safra de verão, já em fase de colheita, e créditos para o plantio da safra de inverno.

No Congresso, a reação também não foi das melhores. Até mesmo simpatizantes ou opositores moderados do governo Itamar, como o deputado petista José Genofino, acham que desta vez Itamar foi longe demais com seu pavio curto. E pelo menos três senadores (Espiridiano Amim (PDS-SC), Elcio Alvares (PFL-ES) e Eduardo Suplicy



Maluf e Resende fizeram carreira juntos.

(PT-SP) anunciaram a disposição de reagir às nomeações de Itamar para o Banco Central.

Dois governadores de peso, Luiz Fleury, de São Paulo, e Hélio Garcia, de Minas Gerais, apoiaram a escolha de Eliseu Resende. Mas o governador da Bahia, Antonio Carlos Magalhães, soltou os cachorros, dizendo que Itamar "está brincando com o país" e que a demissão de Paulo Haddad foi "uma palhaçada".

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema,

"não mudou nada" e que a "política de não enfrentar a crise e empurrar com a barriga" deverá continuar se não se definir uma política econômica "com a participação de todos os setores da sociedade". O presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, disse que a biografia do novo ministro "não o recomenda para o cargo, no Brasil pós-impeachment". Trata-se de um fato.

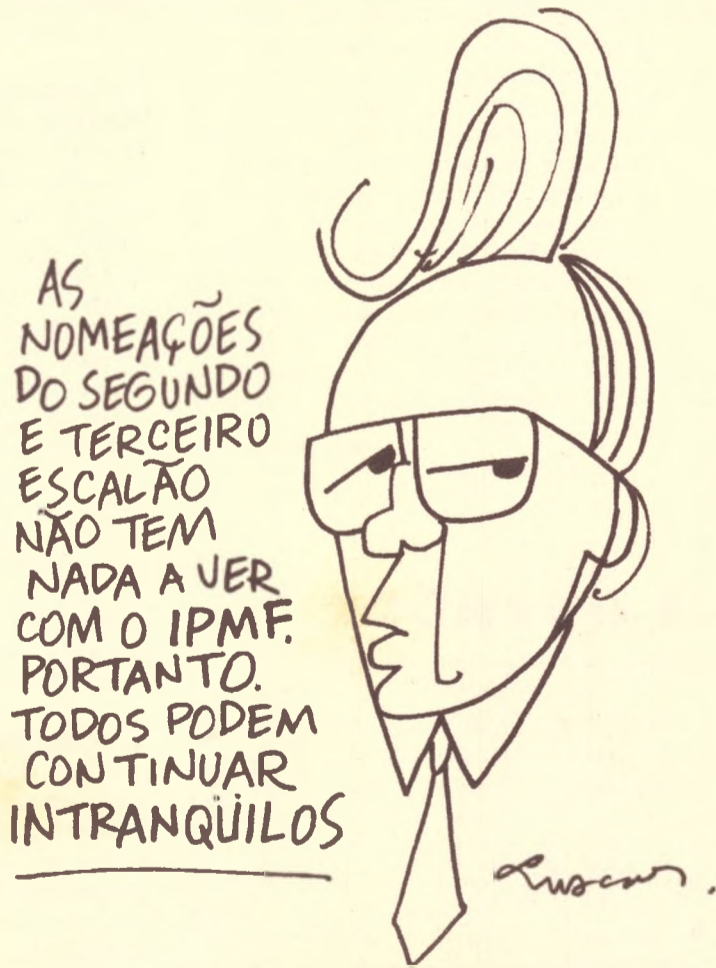
**QUEM É ELISEU.** As mesmas restrições levantadas agora contra Eliseu Resende foram lembradas

Andrezza, durante o governo Costa e Silva e Médici, ele foi responsável pela construção de obras faraônicas como a Transamazônica, a Ferrovia do Aço e a Ponte Rio-Niterói, todas financiadas com os abundantes recursos que ele buscava como caixeiro viajante pelo mundo afora e que depois desabariam sobre o país na forma de juros da dívida externa (há quem diga que o presidente Itamar nomeou Resende justamente por causa de sua facilidade de transitar junto aos circuitos financeiros internacionais).

A origem do apelido de Eliseu Resende em Minas Gerais, "Quinzão", tem a ver com aquela época de grandes maracutaias e comissões de 10 a 15%. E não foi a oposição que fez as acusações. Foi o próprio Tribunal de Contas da União (TCU) que o condenou em julho de 1975 a uma multa simbólica (a máxima permitida pela legislação de então) de 10 salários-mínimos por graves irregularidades na sua gestão à frente do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) entre 1967 e 1974. Entre as irregularidades, adiantamentos de contratos adiando prazos na conclusão de obras e superfaturando custos. Por causa disso, só no exercício de 1968, o passivo a descoberto do DNER chegou a 187 bilhões de cruzeiros, "contaminando os balanços gerais da União", como afirmaram os ministros do TCU, Wagner Estelita Campos e Mauro Renault Leite. Em dezembro de 1977, o TCU negou provimento ao recurso impetrado por Eliseu Resende e confirmou a condenação. Dois anos mais tarde, arquivou o processo, dando ciência ao Ministério dos Transportes das irregularidades apuradas. O então relator do processo, ministro Gilberto Pessoa, disse que as operações irregulares eram apenas "realização de despesas sem amparo legal", o que contrariou jurisprudência formada pelo próprio tribunal.

Eliseu Resende disputou o governo de Minas Gerais com o então senador Tancredo Neves em 1982 e perdeu. À ocasião, foi acusado pelo deputado Luiz Otávio Valadares, do PMDB, de favorecer uma empresa de consultoria em engenharia de que era sócio até ser nomeado para o Ministério dos Transportes, a Consultores Associados Brasileiros S/A. A empresa, segundo o deputado, ganhou "todas as concorrências de obras delegadas pelo DNER e pelo DER em Minas Gerais na gestão do ministro Eliseu Resende".

ANTONIO CARLOS QUEIROZ  
de Brasília



Vicente Paulo da Silva, preferiu criticar apenas a forma pela qual Itamar trata os seus ministros. Já o presidente da Força Sindical, Luiz Antônio Medeiros, disse que Resende "não tem credenciais para conduzir a intratável economia do país". Jair Menequelli, presidente da CUT, afirmou que a troca do ministro

quando ele foi nomeado, em janeiro de 1979, para ocupar o ministério dos Transportes do governo do general João Batista Figueiredo. Na época, como agora, lembrou-se que Resende havia sido um tocador de obras da ditadura militar em seu período mais violento. Fazendo dobradinha com o ministro Mário

# A crise e a lógica de Itamar

*O projeto do presidente tem a estratégia de domar a crise. Mas ela é maior que ele.*

A primeira vista, a desastrosa substituição de Paulo Haddad pelo tocador de obras do regimento militar Eliseu Resende parece confirmar a imagem de um presidente "trapalhão", criada pela imprensa para explicar o governo Itamar Franco. Mas há uma lógica em Itamar e é essa lógica que determina o seu estilo, ao contrário do que postulou a imprensa. "A lógica do presidente Itamar Franco é política", disse Haddad, depois da renúncia.

Vamos tentar, em quarenta linhas, desvendar a lógica política de Itamar. Vamos postular, ao contrário da grande imprensa, que Itamar não é um cretino, que ele tenha um QI acima da média e razoável experiência política. E mais, vamos postular que o governo Itamar acontece como parte de uma crise total, que já atingiu todas as esferas, quebrando valores e costumes, sempre alimentada por uma formidável crise econômica e dentro dela a instabilidade da moeda, a hiperinflação. Itamar é o presidente tampão de uma hiperinflação danada que já devorou dois presidentes e mais de uma dúzia de ministros e economistas. É nesse quadro de crise que se explica a força, a



O erro de Itamar: governo de amigos

inevitabilidade da candidatura Lula.

Itamar claramente traçou como estratégia domar a crise, virar o jogo, deslançando um programa jusciliano de desenvolvimento, em vez de 50 anos em 5, 20 anos em 2 (é por aí que o fusquinha entrou na história). É a única forma de não ser atropelado pela campanha do Lula (e de outros candidatos), de não entrar nos livros como uma

nota de rodapé. Adotou como conteúdo de sua virada um programa de atendimento a demandas populares, e assim atraiu quadros políticos progressistas, setores do PT, da velha-guarda do partidão e os ativistas da reforma agrária. Recolocou na agenda o social, sem se comprometer com um programa explícito, sem negociá-lo com os partidos como tais e não por convicções ideo-

lógicas, morais ou programáticas, como são em geral as motivações das esquerdas, mas por tática política. Com Eliseu Resende, inverteu-se a equação, o grupo progressista perdeu a auto-confiança e tornou-se inevitavelmente satélite de um ministro forte, esperto, conhecedor da manha da burocracia, cúmplice dos grandes grupos econômicos e, ainda mais, amigo íntimo do presidente.

## FIM DA ILUSÃO.

A indicação de Eliseu Resende, o homem das transamazônicas, das pontes Rio-Niterói, das Odebrechts, e também o caixa das campanhas políticas de Itamar, revela que o universo de valores do presidente tem pouco a ver com o universo das

forças populares seduzidas pelo seu projeto. Essas forças estão agora desnorteadas. Haddad era muito importante porque seu modo de trabalho, aberto ao diálogo, seu perfil, faziam dele o amálgama de um grupo de ministros identificados com o conteúdo popular da lógica de Itamar, isolando os setores de direita do governo e neutralizando a influência dos "amigos de Itamar".

forças populares seduzidas pelo seu projeto. Essas forças estão agora desnorteadas. Haddad era muito importante porque seu modo de trabalho, aberto ao diálogo, seu perfil, faziam dele o amálgama de um grupo de ministros identificados com o conteúdo popular da lógica de Itamar, isolando os setores de direita do governo e neutralizando a influência dos "amigos de Itamar".

Erundina, nesta altura dos acontecimentos, ficou pendurada na brocha.

E os acontecimentos devem se precipitar.

BERNARDO KUCINSKI

## ITAMAR

# O criador e a criatura

*Sem proposta contra a estagnação, Itamar busca montar um governo-Frankenstein*

Mary Shelley, em seu romance famoso, *Frankenstein*, narra as vicissitudes de um criador e sua criatura.

Bem intencionado o criador quis construir um ser que fosse só bondade e beleza. O resultado final, como sabemos, contrariou, inteiramente, estes propósitos. Disforme e triste, porque solitária e sem identidade, a criatura terá uma existência marcada por angústia e sofrimento terríveis. Desesperada, a criatura imporá ao seu criador e a tudo mais à sua volta o peso de sua brutal violência.

Há várias lições possíveis a se extrair da fábula de Mary Shelley. A mais óbvia é a que sugere a temeridade de um projeto de construção orgânica baseado na justaposição de partes derivadas de realidades, por vezes, incompatíveis entre si. Esta singela lição parece ter escapado ao presidente Itamar Franco na composição de seu governo e em suas freqüentes e desconcertantes alterações.

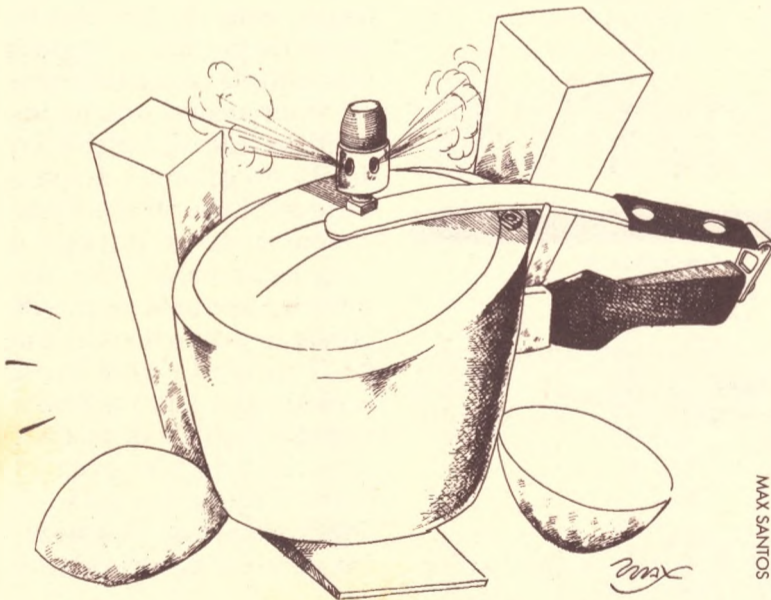
Assim, a criatura governo foi, e está sendo, composta por corpos e tecidos de procedências e compromissos variados. Irrequieto, o criador parece

eternamente descontente com sua criatura, e recorta-lhe, ainda mais, as carnes. Adiciona-lhe pedaços à esquerda (vide Erundina), retira-lhe partes do centro (vide Paulo Haddad). Sua mais nova intervenção é a hipertrofia da direita (vide Eliseu Resende).

O criador, de fato, tem grave questão para enfrentar. Tem que mostrar que sua adesão à podridão Collor foi circunstancial. Tem que mostrar que são outros os tempos e as políticas. Daí a busca de contraposições simbólicas ao pesadelo Collor - a volta do fusca é só o exemplo mais conspicuo e, convenhamos, babaca desta estratégia.

Contudo, nem só de contestações simbólicas a Collor é feito o estilo Itamar. Há continuidades. Há em comum entre o ex-presidente e seu ex-vice um irresistível fascínio pelos quadros do general Médici.

A presença de Eliseu Resende no governo Itamar vem reforçar, ainda mais, a sua natureza disforme, um monstro político-ideológico. A incontinência verbal do presidente, o desencontro entre as suas posições sobre a economia



e a de seus ministros da Fazenda são, na verdade, sinais da questão que realmente importa: este governo não tem e não tinha projeto econômico capaz de reverter o quadro de estagnação e super-inflação.

Foi dito que agora, com Eliseu Resende, o verdadeiro ministro da Fazenda será o presidente da República. Também nisso não há novidade. No início do governo-velhacaria Collor foi dito que era ele, e não aquela bisonha Zélia, o ministro da Fazenda.

O quadro nacional é confuso. As dificuldades e a ansiedade aumentam com os sobressaltos, com a boataria e as incertezas. A imprensa, os partidos políticos, os empresários, os sindicalistas, os políticos, cada qual à sua maneira e a partir de seus interesses e perspectivas, foram unânimes na perplexidade e mal-estar diante do mais novo impulso itamariano. Assim cresceu a lista de seus defeitos. Ele, que já foi acusado de populista, mineiro, instável, dado à histeria,

solteiro, maluco, é agora, também, aquinhoado com a pecha de provido de pouca ética.

É possível que nem todas as acusações que lhes são feitas, sejam justas. A de ser mineiro, é, definitivamente, uma inverdade. Outras, como a referente ao populismo, traem uma certa adesão exaltada ao neoliberalismo furibundo. De resto, quase todos os inimigos do senhor Antonio Carlos Magalhães merecem crédito.

A escolha de Eliseu Resende torna mais ainda monstruosa a criatura. É possível que algumas de suas partes venham a ressentir-se do mais novo tecido adicionado.

Para o PT não é esta a questão fundamental. Fosse equilibrado e elegante o presidente Itamar e ainda assim seríamos oposição, porque nossos compromissos são com a construção de um efetivo caminho para a hegemonia da democracia e do socialismo. Aproxima-se a hora em que teremos que responder à sociedade brasileira em sua sede de justiça e liberdade.

JOÃO ANTONIO DE PAULA  
Economista e professor da FACE/  
CEDEPLAR/UFMG

**PLACAR PETISTA**

**A**lberto Duarte, vereador em Belo Horizonte, disse que vai votar nulo no plebiscito sobre sistema de governo: "Sou a favor de uma guerra contra a fome". Já Lúcia Carvalho, deputada distrital (DF), considera que a discussão sobre sistema de governo está sendo mal feita no PT. Segundo Lúcia, todo presidencialista-petista defende a redução dos poderes presidenciais, sendo portanto um "presidencialista híbrido"; já os parlamentaristas petistas defendem a eleição direta para presidente, outra posição híbrida. A deputada está fazendo o papel de advogado do diabo nos debate a que comparece, e até o momento pretende votar em branco no plebiscito interno petista.

Jorge Sanek, vereador em Curitiba, é um "presidencialista conjuntural". Sanek está articulando um movimento pelo adiamento do plebiscito, devido à "desinformação da população e à vergonhosa campanha televisiva (das três frentes)". Já Zezeu Ribeiro, líder do PT na Câmara Municipal de Salvador, é contrário ao plebiscito, inclusive o do PT, que "pode dividir o partido em torno de uma questão que não é de princípio". Acreditando que a forma de governo depende da cultura de um país, Zezeu está presidencialista.

Chico Alencar, vereador carioca, é presidencialista "republicano", como faz questão de acentuar. Seus companheiros de bancada, Antonio Pitanga e Augusto Boal, estão em campos opostos: Pitanga é parlamentarista, para "recusar a repetição da história que está aí". Já Boal é presidencialista, mas "sem convicção, ou pelo menos contra esse plebiscito que, seja qual for seu resultado, como é formulado, não vai plebiscitar nada, ninguém".

A seguir, **Brasil Agora** publica a posição de 32 deputados federais, 52 deputados estaduais, 26 vereadores de capitais e 12 prefeitos.

**PRESIDENCIALISTAS PARLAMENTARISTAS**

**DEPUTADOS FEDERAIS**

Adão Preto (RS)  
 Alcides Modesto (BA)  
 Carlos Santana (RJ)  
 Chico Vigilante (DF)  
 Edésio Passos (PR)  
 Hélio Bicudo (SP)  
 Jacques Wagner (BA)  
 José Cicote (SP)  
 Lourival Freitas (AP)  
 Luci Choinaski (SC)  
 Maria Laura (DF)  
 Paulo Bernardo (PR)  
 Paulo Rocha (PA)  
 Pedro Tonelli (PR)  
 Ricardo Moraes (AM)  
 Sandra Starling (MG)  
 Tilden Santiago (MG)  
 Valdir Ganzer (PA)  
 Vladimir Palmeira (RJ)

Agostinho Valente (MG)  
 Aloizio Mercadante (SP)  
 Benedita da Silva (RJ)  
 Haroldo Sabóia (MA)  
 Irma Passoni (SP)  
 João Paulo (MG)  
 José Dirceu (SP)  
 José Fortunatti (RS)  
 José Genoíno (SP)  
 Luís Gushiken (SP)  
 Nilmário Miranda (MG)  
 Paulo Delgado (MG)  
 Paulo Paim (RS)

**DEPUTADOS ESTADUAIS**

Brice Bragato (ES)  
 João Carlos Coser (ES)  
 José Carlos (PA)  
 Edmilson Rodrigues (PA)  
 Nonato Guimarães (PA)  
 Aida Maria (PA)  
 Geraldo Pastana (PA)  
 Miriquinho Batista (PA)  
 Paulo Banana de Amorim (RJ)  
 Marcelo Dias (RJ)  
 Godofredo Pinto (RJ)  
 José Valente (RJ)  
 João Paulo (PE)  
 Floriscaldo Fier (PR)  
 Ernani Pudelel (PR)  
 Gilmar Machado (MG)  
 Ivo José (MG)  
 Geraldo Magela (DF)  
 Artindo Chinaglia (SP)  
 Beatriz Pardi (SP)  
 Elói Pietá (SP)  
 Ivan Valente (SP)  
 João Paulo Cunha (SP)  
 José Zico (SP)  
 Lucas Buzatto (SP)  
 Luiz Carlos da Silva (SP)  
 Roberto Gouveia (SP)  
 Rui Falcão (SP)  
 Vilson Santim (SC)  
 Idelvino Furlanetto (SC)  
 Milton Mendes de Oliveira (SC)  
 Ivar Pavan (RS)  
 Antonio Marangon (RS)  
 Flávio Kautzi (RS)  
 Pedro Celsi (DF)  
 Eurípedes Camargo (DF)

Aloísio Krohling (ES)  
 Heloneida Studart (RJ)  
 Carlos Mine (RJ)  
 Humberto Costa (PE)  
 Otávio Constantino (PR)  
 Adélmo Carneiro Leão (MG)  
 Antonio Carlos Pereira (MG)  
 Antonio Fuzato (MG)  
 Marcos Heleno (MG)  
 Maria José (MG)  
 Raul Messias (MG)  
 Roberto de Carvalho (MG)  
 Antenor Chicarino (SP)  
 Pedro Dallari (SP)  
 Marcos Rolim (RS)  
 Luís Carlos Casagrande (RS)  
 Rose de Souza (RN)  
 Vasy de Roure (DF)

**VEREADORES DE CAPITALS**

Otaviano de Carvalho (ES)  
 Perly Cipriano (ES)  
 Ana Júlia Carepa (PA)  
 Luís Araújo (PA)  
 Adilson Pires (RJ)  
 Chico Alencar (RJ)  
 Jurema Batista (RJ)  
 Fernando Ferro (PE)  
 Paulo Rubens Santiago (PE)  
 Sérgio Leite (PE)  
 Angelo Vanhom (PR)  
 Natalio Stica (PR)  
 Jorge Sarek (PR)  
 Virgílio Guimarães (MG)  
 Neusa Santos (MG)  
 Arnaldo Godoy (MG)  
 Maria do Rosário Catafá Faria (MG)  
 Zezeu Ribeiro (BA)  
 Valtér Pinheiro (BA)  
 Vilton Rocha (BA)  
 Devanir Ribeiro (SP)  
 Odilon Guedes (SP)  
 José Mentor (SP)  
 Ítalo Cardoso (SP)  
 Tereza Lajolo (SP)  
 Arselino Tato (SP)

João Pedro de Aguiar (ES)  
 Jorge Bittar (RJ)  
 Rogério Correia (MG)  
 Antonio Pitanga (RJ)  
 Mauricio Farias (SP)  
 Henrique Pacheco (SP)  
 Adriano Dingo (SP)  
 Alúiza Spasati (SP)  
 Chico Whitaker (SP)

**PREFEITOS**

Luís Sérgio da Nóbrega (Angra dos Reis, RJ)  
 David Capistrano (Santos, SP)  
 José Filippi (Diadema, SP)  
 Marcus Bayeux (Cambuí, MG)  
 Maura Pereira (Cosmópolis, SP)

Tarso Genro (Porto Alegre, RS)  
 Luiz Eduardo Cheida (Londrina, PR)  
 José Idrio Marques (Quixadá, CE)  
 Jorge Viana (Rio Branco, AC)  
 Darci Acorsi (Goiânia, GO)  
 Maria do Carmo (Betim, MG)  
 Ângela Guadagnin (S.J. dos Campos, SP)

**NULO**

Alberto Duarte (vereador/BH)

**INDECISOS**

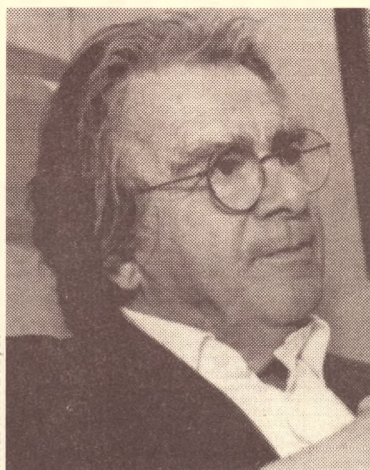
Luiz Azevedo (deputado estadual/SP)

**BRANCO**

Lúcia Carvalho (deputada distrital/DF)

**OUTRAS POSIÇÕES**

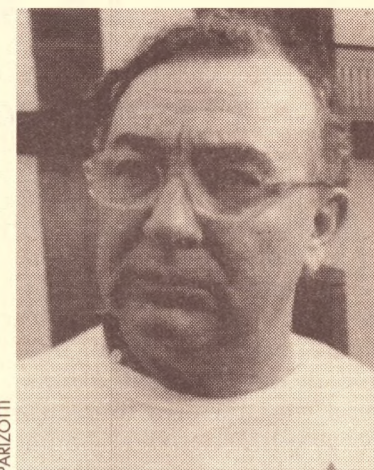
Silvio Ribeiro (prefeito de Ilhéus)  
 Florestan Fernandes (deputado federal/SP)  
 Eduardo Suplicy (senador/SP)  
 Patrus Ananias (prefeito de Belo Horizonte)  
 Ivo Vannuchi (prefeito S.J. da Barra)



Darci Ribeiro



Lídice da Matta



Sérgio Mamberti

**PT vai às urnas**

Personalidades comentam plebiscito do partido

**D**e opiniões entusiasmadas, como as do senador Darci Ribeiro ou do jurista Miguel Reale, passando por críticas ásperas do ator Paulo Betti, até a reserva dos ministros Fernando Henrique e Maurício Correia, que preferem não se manifestar em assuntos internos de um partido que não é o seu. Foi neste sentido que se manifestaram diversas personalidades ouvidas pelo jornal **Brasil Agora** sobre o plebiscito interno do PT.

Se as opiniões são diferentes, a maioria delas coincidem contudo numa coisa: o plebiscito interno do dia 14, onde o Partido dos Trabalhadores vai optar entre presidencialismo e parlamentarismo, será uma lição de democracia. Segundo a direção do PT, votarão cerca de 75 mil militantes, mais de 10% dos filiados do partido em todo o país, e já está causando intensa repercussão nos meios políticos. Afinal, o plebiscito do PT no calor da disputa entre presidencialistas e parlamentaristas, e durante o horário eleitoral gratuito, funcionará como uma espécie de prévia ao plebiscito nacional de 21 de abril. Tanto isso é verdade que tanto a Frente Republicana Presidencialista como a Parlamentarista U-lisses Guimarães estão abrindo espaço na TV e no rádio para lideranças petistas

que defendem as duas posições. A decisão do Diretório Nacional do PT, aliás, assegura este direito a qualquer um de seus filiados, mas o limite é a data do plebiscito, 14 de março. A partir daí, promete, todos deverão somar-se a posição vencedora na consulta interna.

Na verdade, todos estão atentos: "Acho bom. Quero ver o resultado porque esta é uma prática nova, que nenhum partido político havia feito. Nós queremos copiar", disse o senador Darci Ribeiro, do PDT. Ele considera o plebiscito uma "prática partidária democrática". Opinião similar é a do jurista Miguel Reale, para quem a sua realização "é a coisa certa". Ele acredita que o resultado vai interferir na sociedade porque atualmente o PT "é um partido de grande influência na opinião pública".

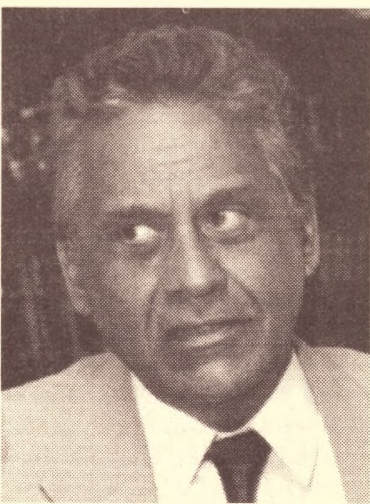
Já o príncipe João Henrique de Orleans e Bragança, do Movimento Parlamentarista Monárquico, considera o encontro um exemplo a ser seguido. "Partidos políticos que consultam membros e militantes são democráticos", disse. Em sua opinião muitos vão decidir a sua opinião só depois de saber o resultado do plebiscito interno do PT.

Os ministros das Relações Exteriores, Fernando Henrique Cardoso, da Saúde, Jamil Haddad e da Justiça,

Maurício Correia, preferiram não se manifestar. "Seria influência na vida interna do PT", afirmaram. Ao contrário, a prefeita de Salvador, Lídice da Mata, PSDB, acha "importante o PT realizar este debate interno sobre o sistema de governo". Lembrando que o PSDB é parlamentarista, ela disse achar conveniente que todos os partidos definam a sua posição para que seus deputados e senadores "tenham uma posição unitária a respeito".

O ator Sérgio Mamberti, um dos âncoras do programa de TV da Frente Parlamentarista, não só é favorável como quer estender a proposta de plebiscito a outras questões em que o partido venha a se posicionar. "É importante ouvir a opinião das pessoas", diz. E conclui: "Para mim só o fato do plebiscito se realizar já é algo simpático". Mas o seu colega Paulo Betti, como ele petista declarado, raciocina em direção oposta. É contra o plebiscito nacional de 21 de abril, "porque há coisas mais importantes para tratar no Brasil atual. O país tem uma Constituição, um presidente, o sistema está funcionando" - diz Betti. Quanto ao PT, ele acha que "o partido está embarcando numa bobagem". E pergunta cético: "Será que o partido vai sair coeso do plebiscito?"

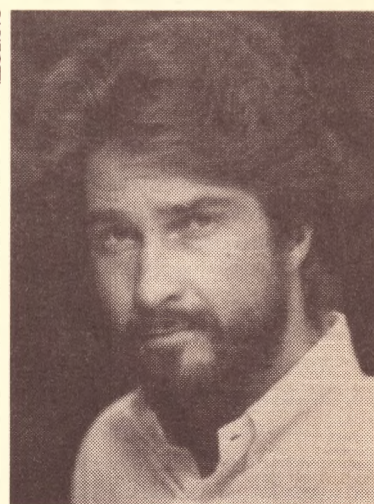
HAMILTON CARDOSO



Fernando Henrique



Paulo Betti



D. João Henrique

# Monotonia sem conteúdo

*Programas parlamentarista e presidencialista se igualam em mesmice e superficialidade*

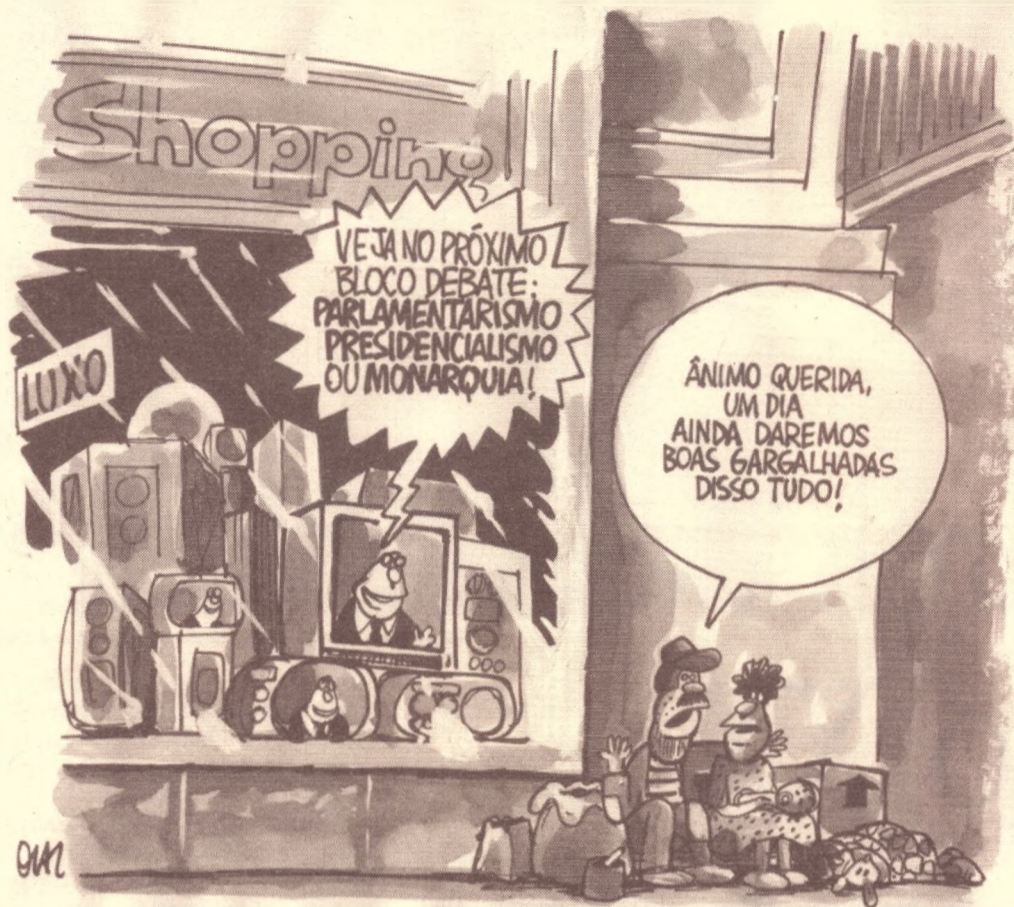
**P**ara quem tem acompanhado as eleições disputadas em São Paulo nos últimos anos, os primeiros programas do horário do TSE, que foram ao ar a partir do dia 1º de março, provocaram acima de tudo desânimo. Uma grande sensação de obra já vista, repertório já utilizado, lugar comum de linguagem. Vinhetas, jingles, matérias, povo fala, clips, mais uma vez.

De um lado, Chico Santa Rita no imenso avião de sempre. Do outro, Duda Mendonça vindo de performance vitoriosa nas eleições municipais de São Paulo.

O cenário, portanto, não mudou. As estruturas de produção são basicamente as mesmas. As equipes se repetem. Tudo muito monótono.

Os programas, por mais que a conjuntura seja completamente diferente - atenção, isso é importante -, continuam com a mesma cara, o mesmo jeitão. O formato Chico Santa Rita agora vem com o ator Milton Gonçalves de âncora. O resto da cantilena é conhecida: publicidade disfarçada de mal jornalismo, matérias sem nenhum compromisso com a verdade, ética discutível, edição durinha, direção de arte brega e, principalmente, mistificação.

Sem talento, sem verdade, medíocre, mas com uma grande qualidade: a disciplina. Uma rigidez formal e de conteúdo capaz de dar coerência ao programa e fazê-lo parecer sólido. Capaz de repetir à exaustão os mesmos argumentos, por piores que sejam.



**ANTIDUPLA.** Já Duda Mendonça nos traz de volta sua grande criação: a atriz Helen Helene, agora ao lado do nosso querido Serginho Mamberti. Os dois se esforçam para ser "didáticos", "acessíveis" e completamente "claros" no que dizem (lêem). E o que vemos é um Duda claramente perdido no tiroteio de uma frente confusa. Sem condições de se dedicar àquilo que sabe: criar imagem.

Desperdiçando o impacto da estréia, seus programas perderam o que de melhor tinham em

eleições passadas: estão chatos, desinteressantes, pseudodidáticos, sem graça. Nos dois primeiros programas Duda Mendonça fez dormir.

Tanto a causa presidencialista quanto a parlamentarista merecem muito mais do que isso. É bem provável que o maior erro que os dois realizadores estejam cometendo seja tentar disputar uma nova eleição. Com os mesmos códigos, o mesmo arsenal. O problema é que este plebiscito não é apenas mais uma eleição. Tentar vencer a

partir de um trabalho de formação de "imagem" para os sistemas de governo como se estes fossem candidatos a algo é um grande erro.

A seguir assim, a comunicação se tornará irrelevante, não conseguirá exercer nenhuma influência sobre o resultado final.

Quando toda a sociedade reclama um trabalho mais sério, com um nível de argumentação mais elevado, não se refere a atores tentando explicações como se falassem com uma sala de aulas de jardim-de-infância.

**EXPECTATIVA.** Os programas devem crescer na visão que têm dos seus interlocutores, ou seja, do povo. Acreditar na capacidade de gerar credibilidade a partir de uma visão de comunicação adulta, afinal, trata-se de uma discussão adulta. Na balada em que começaram, tendem a beneficiar o formato de Chico Santa Rita. Ele sempre foi mais adequado para conservar do que para mudar.

Duda Mendonça vai ter que evoluir muito, se pretende virar o jogo. E só tem uma chance: colocar a discussão no cotidiano do povo. Mostrar o parlamentarismo diretamente ligado à crise. Trabalhar o clássico: "o que eu levo nisso?"

Em tempo: o programa monarquista surpreende pela qualidade técnica. Iluminação, cenários, vinhetas e âncoras competitivos. E a mesma falta de conteúdo dos outros, com entrevistas maçantes e muitas explicações confusas.

No final o que sobra é isso mesmo. Uma grande confusão. E um alerta aos políticos: por mais que as frentes e seus respectivos líderes se esforcem, quem continua hegemonizando as campanhas de televisão e, portanto, grande parte do discurso ainda são os realizadores.

Os mesmos fabricantes de candidatos agora jogam de fabricar sistemas de governo. Quem perde com isso? Mais uma vez, a política, é claro.

**PAULO DE TARSO C. SANTOS**  
 Diretor de Criação e de Programas de TV

## DEMOCRATIZAÇÃO

# O difícil caminho das reformas

*Poucos arriscam prever o desenlace nas reformas políticas no Congresso*

O deputado federal Valdir Ganzer (PT-PA) não é contra o princípio de "um homem, um voto". Mas considera indispensável aprofundar o debate sobre a proporcionalidade na eleição dos deputados federais. Afinal, lembra Valdir, a dispersão populacional e a dimensão geográfica de alguns estados dificultam imensamente a participação eleitoral, de um lado, e a conquista dos votos, de outro. Assim, se não é possível negar o princípio democrático da proporcionalidade, também não se pode desconsiderar aquelas di-

ficultades. Valdir introduz também outra questão no debate: de nada adianta corrigir a desproporcionalidade na composição da Câmara dos Deputados, sem tomar medidas que reduzam migração populacional.

Se não forem tomadas medidas para desenvolver economicamente estados como o Pará, possibilitando a fixação da população local, chegará o dia em que - observada a proporcionalidade - alguns estados não elegerão representantes, ao mesmo tempo em que os estados mais desenvolvidos experimen-

tarão uma explosão populacional.

Estas ponderações são um pequeno exemplo de como é complexa a questão das reformas políticas que o Congresso deve discutir ainda neste semestre. Na opinião de Wladimir Palmeira, líder do PT na Câmara dos Deputados, não é possível prever as chances das reformas políticas que o Congresso apreciará já a partir deste semestre.

Há desde propostas como a do senador Marco Maciel, que confere ao Senado a aprovação dos ministros (sob presidencia-

lismo) até propostas como a do próprio Palmeira, que pretende limitar o poder de veto do presidente da República exclusivamente aos projetos originados no poder Executivo, passando por medidas de maior vulto, como a adoção da proporcionalidade na composição da Câmara dos Deputados, a extinção do Senado, a adoção do voto distrital, a fidelidade partidária.

No tocante à proporcionalidade, Wladimir acha que a atual correção no Congresso permite no máximo a ampliação do número de deputados de São Pau-

lo, de quebra, talvez Minas. Palmeira acha improvável qualquer medida que leve à redução do número de deputados já existentes por estado.

Quanto ao voto distrital, a bancada petista encontra-se dividida entre os defensores do sistema proporcional (corrigido das distorções atualmente existentes) e do sistema distrital misto. Os demais partidos de esquerda também não encontram-se unificados sobre o tema.

## DIA 14, A DECISÃO

**S**etenta e cinco mil filiados devem comparecer ao plebiscito interino que o Partido dos Trabalhadores vai realizar no dia 14 de março, para decidir entre presidencialismo ou parlamentarismo. A estimativa é de Vitor Salazar, da executiva nacional do PT.

Segundo o "Regulamento" distribuído pelo partido, podem votar no plebiscito todos os filiados até o dia 5 de fevereiro de 1993, "que estiverem em dia com sua contribuição financeira".

Quem não estiver em dia deverá pagar uma taxa equivalente a 1% (um por cento) do seu salário. Desempregados e filiados sem renda fixa podem solicitar aos seus respectivos Diretórios dispensa

da contribuição financeira.

A votação ocorrerá entre 9 e 17 horas, e a apuração será feita em seguida ao fechamento das urnas. A Direção Nacional do PT elaborou um modelo de cédula para o plebiscito.

O quórum do plebiscito é alto: nacionalmente, é preciso que votem 10% (dez por cento) dos filiados em pelo menos quinze estados que tenham alcançado o quórum estadual; este, por sua vez, é de 10% dos filiados no estado, distribuídos em pelo menos 50% dos municípios que tenham obtido o quórum municipal, que é de 10% dos filiados.



# Chaplin



O grande artista Chaplin era um homem de esquerda, que soube defender os pobres, combater as injustiças sociais e a guerra da maneira mais brilhante:

ridicularizando os poderosos. Os nossos tempos modernos, em que "os de cima" agem com tanta arrogância, clamam por alguém "que nos faça rir". No texto a seguir, escrito pelo jornalista norte-americano Joseph North no final dos anos 40, revela-se algo da pouco conhecida face política do adorável vagabundo.

## O menestrel do século XX

Como poderia deixar Hollywood sem uma visita de homenagem a Charlie Chaplin, cujo gênio cômico admirava para além do de qualquer artista vivo - o Aristófanes dos pobres? O seu vagabundo dos pés grandes e das calças remendadas, o chapéu coco pretensioso, mas surrado, e a ridícula bengala, fora um companheiro tão grande da minha infância, como Huckelberry Finn. Recordava-me de uma geração de crianças, particularmente as pobres, que imitavam alegremente o seu andar, intercalado de ocasionais saltinhos, girando bengalas imaginárias. Chamavam-no "Carlitos", num diminutivo afetuosamente, como se fosse um membro querido da família. Seu *Luza da Cidade* atraiu longas filas ao cinema de Madri, no momento em que os cavaleiros marroquinos do generosíssimo Franco aguardavam do outro lado de Manzanares osinal para entrar triunfante na cidade.

Esse gênio permitia aos homens transcenderem a sua angústia, oferecia-lhes a dádiva dos deuses, o riso, sem o qual *homo sapiens* jamais teria sobrevivido. Eu assistia religiosamente a todos os seus filmes para ver sua sátira que revelava tema afeição por todos os seres humanos acorrentados pela pobreza; era o menestrel do século XX.

Poucos contemporâneos gozavam de tantos louvores - e menos ainda foram sujeitos a tanto escárnio. Jornalistas pretensiosos escan-

dalizaram-se com o seu atrevimento quando ousou discutir política e economia com Winston Churchill - O descaramento do palhaço! - e vasculharam impiedosamente sua vida particular. Mas tinha fama e fortuna. A maioria dos homens é capaz de resistir melhor à adversidade do que suportar a adulação; nosso mundo está arranjado de tal modo que o sofrimento, a sorte da maioria, aproxima mais os homens dos seus semelhantes, ao passo que o êxito os isola. Há muito tempo os camponeses observaram que um estômago cheio não pode compreender o vazio, como diz um velho ditado eslavo; mas Carlitos espinotava contra a pouca sorte, como esquivava-se dos policiais de bastão em punho, perseguindo-o não porque fosse um bandido, mas sim porque era pobre - o mais horrendo dos crimes. Rico, nunca perdeu o toque popular - pelo menos nos seus filmes.

O'Neill, a filha de Eugene O'Neill. Charlie tinha o cabelo grisalho e mais do dobro da idade dela, mas seu ar juvenil, alegre e despreocupado coadunava-se com a juventude da mulher, de tal modo que pareciam estar bem um para o outro.

Durante toda a noite, surpreendeu-me com seu exuberante otimismo, falando, como dizia, como um "veterano", revelando fatos do seu passado que eu desconhecia.

"Não sou político, apenas um palhaço", disse, mas era evidente que astutamente se mantivera ao corrente da política através dos seus conhecimentos pessoais e da leitura. Conhecia intimamente Jim Larkin, o dirigente sindical irlandês, e Big Bill Haywood, o gigante de um olho só, dirigente dos mineiros, e mais tarde comunista, que acabou morrendo como refugiado político em Moscou. Charlie recordou que ajudara a arranjar dinheiro para fianças de que Haywood precisara tantas vezes. O ator descreveu-se como discípulo de Lincoln Steffens, e como seu mestre, um amigo de longa data, acolhera com satisfação o advento da primeira junta socialista, a URSS, cujo rumo estudara e respeitara, desde a Revolução de Outubro.

Como o velho Stef dizia, "é, o

futuro está demonstrando que o socialismo funciona". Se ele, Chaplin, precisasse de mais provas, o cinema soviético as fornecia.

A medida mais segura para avaliar a cultura de uma nação moderna é o filme, "e nunca nos aproximamos de Eisenstein e Pudovkin em ousadias e profundidade" - cujas obras eram uma garantia de que haveria Shakespeares e Tolstoís do celulóide. Informara os artistas soviéticos da sua admiração e agora tinham "uma espécie de sociedade de admiração mútua". Aliás, cada cargueiro soviético que atracava em San Pedro mandava-lhe uma delegação apresentar saudações e entregar presentes.

Enquanto trinchava o assado, na bela sala de jantar apainelada, contou uma história do seu passado, do tempo em que pela primeira vez se deparou com as idéias do socialismo. Um dia, atravessando o Hyde Park, parou para ouvir um orador trepado num caixote. Tinha sido o gesto do homem, e não suas palavras, a captar-lhe a atenção, pois os braços do orador agitavam-se violentamente, "como as velas de um moinho de vento numa tempestade". O interesse pela ginástica do indivíduo dera lugar a

um interesse outro, quando tomara consciência das suas palavras. O jovem Chaplin, fascinado, permanecera até o fim do discurso. "Somos homens ou ratos?", concluiu o orador após denunciar a passividade de ou medo dos homens, e Charlie regressara à sua pensão para meditar na questão. A sua iniciação em Hyde Park induzira-o a prestar atenção às conversas dos trabalhadores que conhecia nas solitárias viagens pelas províncias e acabou por comprar e ler a literatura socialista. Logo depois, tomou conhecimento de que um gigante do teatro, George Bernard Shaw, apoiava as idéias de Karl Marx, e mais tarde notou que os escritores que mais admirava, Anatole France e Romain Rolland, consideravam o marxismo a chave para a salvação da humanidade. Hollywood, lamentava ele, não era notável por sua hospitali-

dade a tais idéias e ignorava o fato de que "os artistas mais importantes - Molière, Voltaire, Schiller, Tolstoi - eram inimigos do status quo".

"E agora", disse, "temos uma guerra nas mãos." Perguntou minha opinião sobre as probabilidades de uma frente ocidental que, tinha certeza, a vitória exigia. E embora os jornais acreditassem que um comediante de certo modo abdicava do seu direito de ter um ponto de vista no tocante à política, não hesitou em dizer o que pensava. Na realidade, estava tão convencido disso que, pouco depois, foi de avião a Nova Iorque falar do assunto numa reunião do Carnegie Hall, realizada para exigir a abertura da Frente Ocidental. E, é claro, recebeu uma resposta hostil da imprensa, que ridicularizou "o palhaço que tem a presunção de dizer aos generais como devem dirigir a guerra". Vários anos depois da minha noite com Chaplin, tive ocasião de discutir a sua arte com Louis Aragon, o poeta e romancista francês que encontrei em Londres e que era, também, um fervoroso admirador do comediante. Conte a Aragon a história de um escritor filipino que fora ao escritório da *New Masses* em 1945, ansioso por "apertar as mãos dos editores" da sua revista "favorita".

Quando Manila, sua cidade natal, fora declarada cidade aberta, devido ao avanço dos japoneses, ele reunira freneticamente todos os livros da sua biblioteca que pudessem revelar qualquer interesse pelo bem-estar social e queimara-os na calada da noite. Até que chegou a vez de dois livros que fora impossível queimar. "Seria como queimar meus filhos." Um era *Kedder than the Rose*, uma coleção de ensaios artísticos de Robert Forsythe, e o outro, um livro de desenhos de William Gripper.

O filipino enterrou-os num buraco fundo para desenterrá-los se sobrevivesse. "Por que?", perguntei curioso, "você não fez o mesmo por, digamos, Marx ou Tolstoi?" Ele balançou a cabeça: "Tenho me perguntado muitas vezes. Como Shaw, poderia dizer que Marx fez um homem de mim. Mas esses dois livros me fizeram rir. Talvez o riso ajude um homem a viver".

EXTRATOS DO LIVRO NENHUM HOMEM É ESTRANGEIRO. SCRITTA EDITORIAL



Tempos modernos: o riso ajuda o homem a viver

## Quando o mito supera o filme

Em estréia nacional, chega às telas a primeira biografia de um dos maiores gênios do cinema.

Realizar biografias nas telas é uma tarefa ingrata. Corre-se o risco de glamourizar demais o biografado ou então de empregar menos tinturas do que ele realmente mereceria. Alguns biografados duvidosos

rendem grandes filmes, como no caso do controverso general americano Patton, Oscar de melhor filme em 1970 (*Patton, Rebelde ou Herói*, de Franklin Schaffer, com o autor George C. Scott). Já celebridades como Abraham Lincoln ou

o ídolo Rodolfo Valentino acabaram quase banalizados com as versões cinematográficas de suas vidas. Isso poderia ter ocorrido com Chaplin, o filme, não fosse o diretor Richard Attenborough um especialista. São de sua autoria o brilhante *Ghandi*, melhor filme de 1982, e o eficiente *Um Grito de Liberdade*, de 1987, onde retrata a trajetória do ativista sul-africano Steve Biko. Portanto, ninguém mais indicado. Ocorre que o mito Charles Chaplin é infinitamente maior do que qualquer tributo que lhe seja rendido. Considerando-se esse abismo entre ficção e realidade, *Chaplin* acrescenta louros à carreira de seu diretor, apesar de algumas discrepâncias.

**BIOGRAFIA AUTORIZADA.** O ponto de partida do roteiro é a própria autobiografia do fenomenal ator/diretor, *Minha Vida*, juntamente com outra obra autorizada, *A Vida de Charles Chaplin*, de David Robinson. A narrativa é conduzida pelo diálogo entre o diretor George Hayden (Anthony Hopkins), personagem fictício, e um já idoso Charlie, em seu retro suíço em meados da década de 70. Assim, acompanha-se sua trajetória desde a infância paupérrima em Londres, no século passado, a estréia nos palcos aos cinco anos de idade substituindo a mãe, incapaz de cantar, e a adolescência vivida em meio ao *vaudeville*, experiência que forjaria em definitivo seu talento. Quando embarca com destino à América numa turnê da companhia de Fred Karno, o jovem Chaplin leva a saudade da mãe, perturbada mentalmente e internada num sanatório, e do primeiro amor, uma jovem aspirante a atriz que serviria de modelo para as heroínas de seus filmes.

Na primeira década do século o cinema ainda engatinhava e Hollywood não passava de uma imensa fazenda. O diretor Mack Sennet (vividamente por Dan Aykroyd) reinava absoluto como o rei da comédia. Seduzido



Robert Downey Jr. incorporando Chaplin em *O Grande Ditador*

pelas imagens, Charles acaba contratado por Sennet. Em tempo recorde aprende do mestre tudo sobre a arte de lidar com a câmera, a ponto de interferir nas produções. Sua capacidade de improvisar gags é fantástica, nata mesmo. Em um ano já é sucesso. Desliga-se de Sennet para dirigir e escrever seus próprios filmes. É assim que nasce Carlitos, o andarilho, imortalizado a partir de *O Vagabundo*, (*The Tramp*), em 1915. Empresariado pelo irmão Sydney, eterno amigo, funda sua própria companhia. A fama, o sucesso e o dinheiro vêm muito rápido. Chaplin torna-se o número um do cinema, ladeado por seus maiores amigos, o casal Douglas Fairbanks (Kevin Kline) e Mary Pickford (Maria Pitillo), a "namoradinha da América", com quem fundaria a United Artists.

Se por um lado lança luzes sobre aspectos chaplinianos desconhecidos do grande público, o filme de Attenborough peca ao ser pouco informativo acerca de outros. A criação do alterego Carlitos é retratada quase friamente, parecendo um mero acaso ocorrido no vestiário do estúdio. Também sua conhecida pedofilia (de todas as esposas a mais velha tinha 18 anos, isso quando ele tinha 54) recebe tratamento superficial, levando-se em conta que foi fator decisivo no vazio amoroso do ator, só preenchido quando do casamento com Oona Chaplin, já quase sessentão.

Chaplin, o homem, era um obstinado e perfeccionista, capaz de levar sua equipe à loucura. Durante mais de 10 anos recusou-se a aderir ao cinema sonoro, sabendo que isso significaria a morte de seu personagem ("Seria o mesmo que ouvir Nijinski falar durante uma apresentação", costumava dizer). Quando o fez, foi simplesmente brilhante. *O Grande Ditador*, de 1938, um li-

belo contra os preconceitos e perseguições políticas que chegavam da Europa e invadiam a América, é uma das grandes seqüências do filme, assim como o apoteótico retorno a Londres. Rodada em Victoria Station, o diretor parte de um plano médio para um plano geral com centenas de figurantes em poucos segundos, conferindo à cena um efeito espetacular.

O humanismo progressista de seus filmes era intolerável numa América caminhando rumo ao capitalismo selvagem. O vagabundo era um homem do povo geralmente às troças com a burguesia. Isso valeu a Chaplin a perseguição implacável por mais de 20 anos de Edgar Hoover, o chefe do FBI. Diz a lenda que, após sua morte, Hoover contactou espíritos para perguntar a Chaplin se de fato era comunista. Richard Attenborough prefere mostrá-lo como realmente era, uma espécie de Chico Buarque, esquerda festiva. O exílio na Suíça só é quebrado décadas mais tarde, quando retorna para receber o Oscar especial da Academia, já aos 83 anos.

*Chaplin* fica um pouco restrito ao mostrar a gênese de clássicos como *O Garoto*, *Luza da Cidade* e *A Corrida do Ouro* e esquecer os não menos geniais da fase sonora, como *Luza da Ribalda* e *Monsieur Verdoux*. Ainda assim, funciona. Robert Downey Jr. foi preparado durante um ano para o papel e não poderia fazer melhor - a semelhança com o original é notável. É seu primeiro grande papel desde *Loucos pelo Perigo*, de 1991, ao lado de Mel Gibson. Se não acerta na mosca, Richard Attenborough também não passa longe. Mas fica a certeza de que o gênio de Chaplin não coube na tela. Sua melhor biografia ainda são seus filmes.

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA





# Cacique também balança

Peemedebista baiano organiza oposição à Quércia

Um mês depois de derrotar os dois principais líderes do PMDB na Bahia (os ex-governadores Roberto Santos e Nilo Coelho) e se tornar o presidente da executiva regional do partido, o senador Rui Bacelar, 56 anos, sonha com um novo projeto - o comando da legenda em nível nacional.

Nos bastidores, o senador está costurando um acordo para derrotar o ex-governador de São Paulo, Orestes Quércia, que está disposto a concorrer à reeleição na presidência da executiva nacional ou, na pior das hipóteses, lançar um candidato. "Vou trabalhar muito para não deixar o Quércia tomar conta do partido", diz Rui Bacelar.

Segundo o senador, o PMDB tem "melhores nomes" para representá-lo em nível nacional a partir do dia 31 de março, data prevista para a eleição que vai escolher os 120 convencionais e o sucessor do ex-governador Quércia. "Estou disposto a encabeçar uma chapa de oposição para mostrar ao Orestes Quércia que o partido está insatisfeito com a sua liderança."

O senador - que já se lançou candidato à sucessão do governo da Bahia - ressalta que nos últimos dois anos o PMDB ficou prejudicado "com a imagem negativa do seu presidente". "Até hoje o Quércia não conseguiu explicar a sua fortuna e isto tem sido muito bem explorado pelos nossos adversários", diz Bacelar.

Em sua opinião, uma eventual vitória do ex-governador de São Paulo na convenção "vai impedir o cresci-

Personagem controversa, a ponto de ser acusado de ligações com Antonio Carlos Magalhães, o senador Rui Bacelar quer acabar com o reinado quercista na presidência nacional do PMDB.



Rui Bacelar: uma pedra no sapato de Orestes Quércia

LUIA MARQUES / FOLHA IMAGEM

necessidade de se lançar uma chapa de oposição ao Quércia", disse.

Após 30 dias consecutivos na Bahia - 12 dos quais passados em um spa, onde perdeu oito quilos -, Rui Bacelar seguiu dia 2 para Brasília, onde pretende intensificar os contatos com os outros presidentes e integrantes da executiva nacional do PMDB. "Temos pouco tempo para organizar a chapa e tentar tirar o Quércia do comando do partido."

Na avaliação do senador Rui Bacelar, em caso da manutenção do presidencialismo no plebiscito marcado para o dia 21 de abril, o PMDB não tem "nenhuma chance" de fazer o sucessor do presidente Itamar Franco com Orestes Quércia à frente do partido. "Infelizmente a imagem do partido está muito ligada ao Quércia e o ex-governador de São Paulo é alvo de muitas críticas."

Aos seus interlocutores, o senador cita uma pesquisa divulgada pelo jornal O Estado de S. Paulo para mostrar que Orestes Quércia "não é o líder que pode levar o PMDB à presidência da República". Pela pesquisa, Quércia não se elegeria governador de São Paulo - sua votação ficaria abaixo dos cinco primeiros colocados.

Em caso de vitória de Orestes Quércia na convenção, o senador Rui Bacelar já tem uma estratégia elaborada "para mostrar que o partido não será o mesmo depois da eleição". Esta estratégia consiste em fortalecer o grupo de oposição e cobrar do ex-governador "uma linha mais dinâmica de atuação à frente da executiva nacional".

Para o senador baiano, o PMDB é o partido de melhor estrutura nos quase cinco mil municípios brasileiros. "Não podemos deixar que apenas uma pessoa seja responsável pelo esfacelamento de um partido construído ao longo de muitos anos."

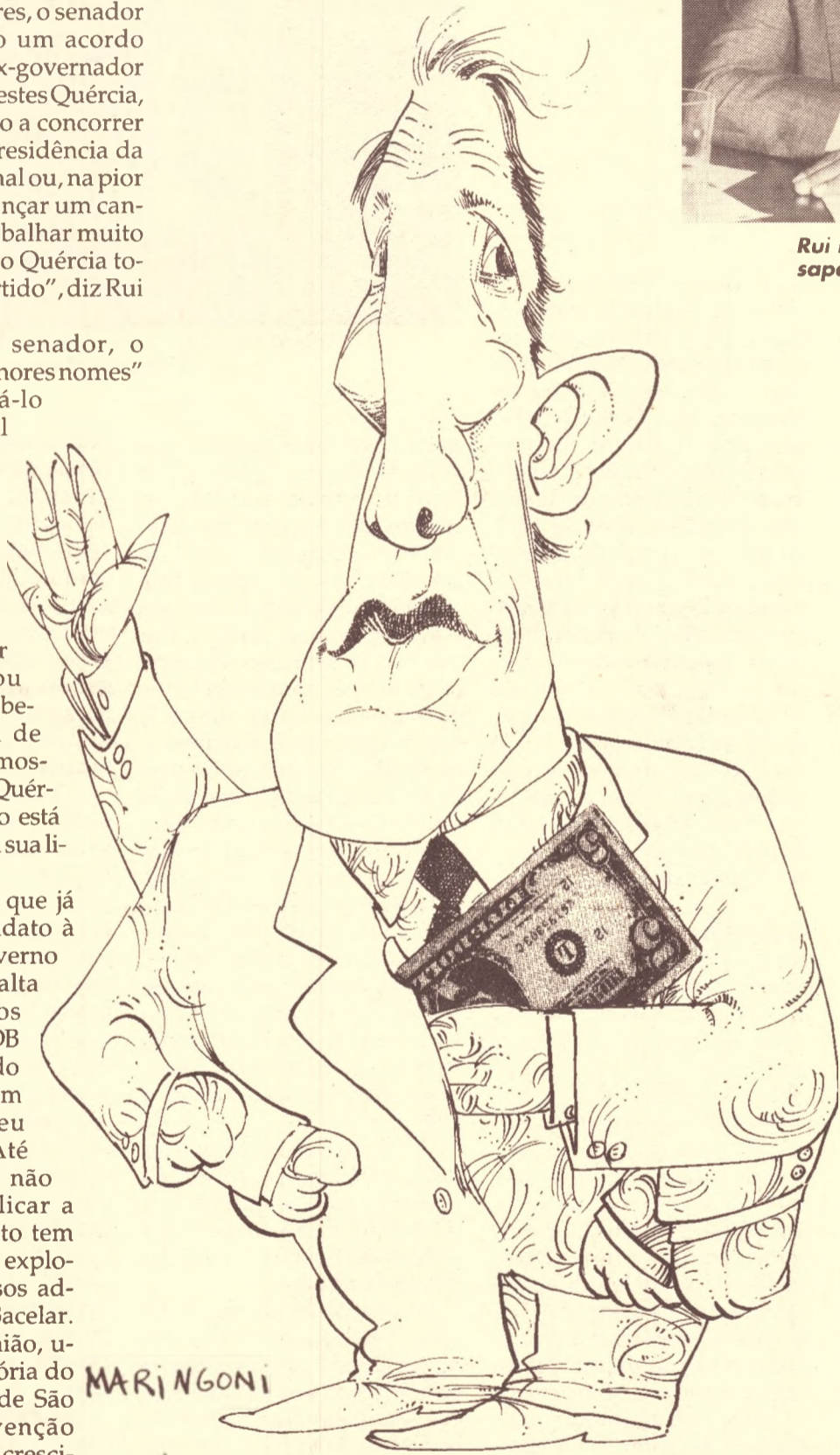
L. FRANCISCO  
de Salvador

mento do PMDB e pode provocar, inclusive, um racha acentuado no partido". "Estamos lutando para evitar o continuísmo e dar uma nova imagem ao PMDB."

**MUDANÇA.** Esta nova imagem, segundo o senador Rui Bacelar, passa por uma completa reformulação na executiva nacional do PMDB. "O partido não pode ser instrumento para acobertar as irregularidades que foram cometidas por uma única pessoa."

O senador Rui Bacelar entende que a administração do ex-governador Orestes Quércia em São Paulo "foi marcada por muitas suspeitas de irregularidades". "Não consigo entender porque o Quércia fica utilizando o PMDB para se acobertar quando o mais lógico seria buscar a Justiça e explicar todos os seus atos administrativos."

Desde que assumiu a executiva do PMDB na Bahia - as eleições aconteceram no último dia 7 de fevereiro -, o senador Rui Bacelar já manteve contatos com os presidentes estaduais do partido do Paraná, Nivaldo Krieger, e do Rio Grande do Sul, André Foster. "Ambos estão convencidos da



MARINGONI

## METALÚRGICOS SÃO PAULO

### O PELEGO CASSA OS VOTOS

A oposição ao sindicalista de negociatas Luís Antonio Medeiros descobriu semana passada que o pelego passou a servir-se de um novo expediente para assegurar sua vitória nas eleições sindicais marcadas para 8 a 10 de março. Desde novembro de 92 a máquina administrativa do sindicato vem eliminando sistematicamente do universo de eleitores aptos a votar milhares de sócios, em especial os que trabalham nas fábricas onde a Chapa 2 (cutista) é

mais forte.

O expediente é de baixa singular. A partir daquele mês metalúrgicos sindicalizados começaram a perceber que em seu holerite não vinha descontada, como de costume, a mensalidade do sindicato.

Muitos atribuíram a um erro eventual. Quando precisaram fazer uso de algum dos serviços oferecidos pela enti-



dade, no entanto, perceberam que haviam sido excluídos de fato da relação de associados.

Para evitar reclamações, os funcionários do sindicato propunham uma nova filiação. Omitiam, no entanto, que ela não permitirá a participação no próximo pleito, em que só votam os associados há mais de seis meses.

Segundo os cálculos de Carlúcio

Castanho, um dos coordenadores da Chapa 2, pode haver até 40 mil eleitores nessa situação. Extra-oficialmente a diretoria do sindicato atribuiu o problema a um vírus que teria invadido os computadores da entidade e eliminado registros. "Parece ser um vírus ideológico", ironiza Carlúcio, que lembra: "Nas fábricas onde Medeiros está mais desgastado, como a Ford, ele chega a atingir mais da metade dos eleitores".

A.M.

# Só indo lá

"Estava sem assunto, Zé", tentei-me desculpar, duas ou três vezes seguidas, ao meu bom amigo Zé Américo, editor deste quinzenário. "Como? Onde é que já se viu jornalista sem assunto?", cobrava-me o Zé. Pois era verdade: desde o final do ano passado, quando parei de fazer uma coluna semanal, estava sem vontade de escrever, sem assunto. Se você não tem nada de seu para mostrar, melhor é ficar calado. O pior é que o tempo vai passando, nada acontece, e você vai perdendo a mão, a vontade e o jeito de colocar alguma coisa no papel. Fico pensando na agonia que deve ser a vida de alguns velhos amigos obrigados a escrever colunas todos os dias. Dia sim, e outro também, acabam escrevendo sempre as mesmas coisas sobre os mesmos personagens para os mesmos leitores do mesmo país, que insiste em ser sempre igual. Os nossos jornais estão ficando cada vez mais parecidos com as novelas de televisão, você pode ficar sem eles uma semana, um mês, e não perde nada. É tudo sempre muito previsível, muito igual. Se não fossem os logotipos para identificá-los, a gente até poderia pensar que são todos feitos pela mesma pessoa.

Esta mesmice na informação e conceitos repetidos até a exaustão acabam gerando um efeito contrário, ou seja, a desinformação, filha dileta do desinte-

resse e mãe do medo. Tive a certeza disso na semana passada numa viagem relâmpago ao Centro-Oeste. Empresários do setor de exportação de cereais convidaram o Lula a conhecer uma colônia-modelo formada por imigrantes norte-americanos em Rio Verde, no sul de Goiás, onde se batem recordes de produtividade na lavoura de soja. São 70 famílias de menonitas, que desenvolveram fazendas com área média de 200 alqueires e vivem completamente isolados do resto do país, com um padrão de alta classe média num cenário de primeiríssimo mundo, sem jornais e sem TV. Antes, porém, de chegarmos à colônia, nossos anfitriões fizeram questão de passar numa fazenda, onde estavam reunidos os maiores produtores da região, um dos berços da UDR, que queriam conhecer o Lula.

Sem muito lero-lero, o fazendeiro Otávio Giacon, líder do grupo, foi direto ao assunto: "Nós apoiamos o Caiado e o Collor e levamos um ferro, como você sabe... Agora, como parece que você vai ser o próximo presidente da

República, precisamos conversar, porque o pessoal aqui ainda tem muito medo..." , desembuchou o fazendeiro para nossa perplexidade diante deste encontro imprevisto.

Para resumir: meia hora depois, cada lado falando o que pensava, os temidos e temerosos líderes da UDR já estavam pedindo para tirar fotos ao lado de Lula. A mesma coisa se repetiria horas depois no Chapadão dos Gaúchos, em Mato Grosso do Sul. O líder local, Augusto João Gasparetto, resistiu até onde pôde a se encontrar com Lula e depois nos explicou: "O que o povo aqui vai dizer de mim? Vai dizer que virei comunista...". Dois mundos, o nosso e o deles, encontravam-se pela primeira vez, sem a intermediação da imprensa, que reproduz sem mais nem menos as babaquices dos Caiados da vida e embarcou na *modernidade collorida* com medo do PT nas eleições de 1989.

Medo: é isso que resulta da desinformação e da falta de vontade política de levar nossas propostas - as reais, não as vendidas pela imprensa que não sai

das redações para conhecer a realidade - a todos os cantos do país, lá para os habitantes dos fundões do Brasil, onde ainda tem gente que faz o em-nome-do-pai e se benze só de ouvir falar em PT, sem conhecer o PT. Muita gente que lê a *Gazeta Mercantil* deve ter-se espantado ao ler a manchete "Lula entra na região da UDR" e a competente reportagem escrita por Vera Brandimarte, única repórter presente ao encontro. Me deu até orgulho novamente de ser jornalista ao ler o relato fiel do que aconteceu e uma vontade danada de voltar a escrever, contar o tanto que acontece por esse mundão afora, longe dos gabinetes oficiais e das colunas idem, lá onde se começa agora a escrever a nova história de um povo que luta para se livrar dos seus medos e dos seus tutores. Para que isso aconteça, só indo lá onde o povo está e debatendo de peito aberto nossas propostas, sem ódio e sem medo. Mas não basta falar o que pensamos. É preciso, também, aprender a ouvir. Só assim seremos capazes de construir uma democracia verdadeiramente duradoura e uma liberdade sem adjetivos para toda a sociedade. Vale a pena arriscar. Ou ousamos encarar o lado obscuro do Brasil ainda tutelado pelos coronéis, sejam eles da UDR, da Fiesp, da Febraban, caiados ou medeiros na vida, ou estamos condenados a morrer outra vez na praia.



## REFORMA AGRÁRIA!



### REFORMA AGRÁRIA

## Um avanço limitado

*No seu estilo vai-e-vem  
Itamar toma decisão importante.  
Mas ela será cumprida?*

Uma boa notícia, finalmente. Por pressão do movimento de entidades ligadas aos trabalhadores rurais, o presidente Itamar Franco sancionou a lei que regulamenta os dispositivos da Constituição relativos à reforma agrária (Lei 8.629) com os vetos que o movimento exigia. Os três principais vetos referem-se aos artigos 14, 15 e 17 do texto aprovado pelo Congresso Nacional. O artigo 14 previa que o expropriado poderia permanecer na posse do imóvel objeto da desapropriação até o final do processo. O artigo 15 impedia a desapropriação de imóveis que tivessem sido adquiridos por via judicial para pagamento de dívida do anterior proprietário. E o artigo 17 estabelecia o Grau de Utilização da Terra (GUT), pelo qual seria definida a prioridade nos processos de desapropriação. Esses três obstáculos, agora removidos pelos vetos, inviabilizaria, na avaliação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a realização de qualquer reforma agrária. O MST acha que agora só falta vontade política por parte do governo para que se proceda às desapropriações necessárias. No Brasil, existem cerca de 12 milhões de famílias sem terra para trabalhar.

Como era de esperar, os latifundiários e seus representantes não gostaram da decisão presidencial. Entrevistado pela *Gazeta Mercantil*, o presidente da Federação da Agricultura no Rio Grande do Sul, Hugo Giudice Paz, disse que o veto ao artigo 17 deixou a lei desprovida de critérios técnicos e que o veto ao artigo 14 poderá criar outra legião de sem-terras, "determinando que o desapropriado tenha que abandonar, com a família, a terra sem a sentença de desapropriação transitar em julgado". Ora, basta que essas famí-

lias com terra cumpram a função social da propriedade, definida pela lei, e de maneira nenhuma a favorecer as famílias sem terra, para que suas terras não sejam desapropriadas...

**PARTE RUIM.** Dois vetos feitos pelo presidente Itamar Franco desagradaram o movimento dos trabalhadores rurais. O primeiro, ao artigo 9, determinava o confisco dos imóveis onde se contratasse o trabalho es-

cravo. O presidente alegou que o texto aprovado pelo Congresso não encontrava abrigo na Constituição. O segundo veto, ao inciso II do artigo 4, definia o conceito de pequena propriedade, aquela explorada "direta e pessoalmente pelo agricultor e sua família, admitida ajuda eventual de terceiros, na época de pico de demanda de mão-de-obra".

Os vetos aos artigos 14, 15 e 17 da Lei 8.629 é uma boa notícia, que merece até come-

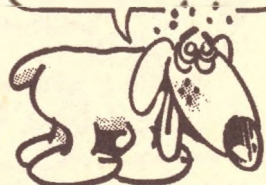
morações. Mas não muitas. Antes é preciso aguardar que o governo cumpra a lei que acaba de sancionar. O novo presidente do INCRA, Osvaldo Russo, tomou posse no dia 15 de fevereiro com um discurso muito estranho, mesmo se se considerar que esse cargo está constantemente sitiado pelos latifundiários. Russo, um especialista na questão agrária, ligado ao deputado Roberto Freire, afirmou que a conquista da paz social no campo "só

será alcançada com a cooperação de todos e jamais através da boca dos fuzis. Foi-se o tempo em que a reforma agrária podia ser conquistada ou impedida pela violência. No mundo e, sobretudo, no Brasil de hoje, dentro do rico e delicado processo de construção democrática em que estamos empenhados, uma mudança adequada e necessária no sistema fundiário brasileiro terá que se dar pela lei, não na marra".

Teria sido um recado ao Movimento Sem Terra? A disposição do governo, então, a partir de agora, é de realmente fazer cumprir a lei? Os membros da UDR concordam com isto? Se os governos das elites, no poder desde 1500, tivessem realizado a reforma agrária, não haveria latifundiários. Em consequência, também não haveria trabalhadores sem terra. Nem violência, nem a oposição lei X marra. Aí não haveria nem a necessidade de o governo tratar desta questão. Como a história não se desenvolveu desta maneira, as 12 milhões de famílias de trabalhadores sem terra continuarão a aguardar que o governo promova a reforma agrária. Até que isto seja feito, o Brasil continuará a conviver com a violência no campo, queira ou não Osvaldo Russo.

ANTONIO CARLOS QUEIROZ  
de Brasília

UM BOM NOME PARA O NOVO DINHEIRO BRASILEIRO: GALINHA D'ANGOLA: TÔ FRACO... TÔ FRACO... TÔ...!



**LANTEJOUAS.** Pederasta, traficante de cocaína, assassino, corrupto, formador de quadrilha, bandido, marginal, ratão, safado: estes são apenas alguns dos qualificativos dados a Luís Medeiros pela Chapa 3, que concorre às eleições no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Pura bairrada? Realidade? Cabe à chapa provar. Ainda mais se levado em conta que ela é impulsionada pelo MR-8 e tem como candidato o "Bira", até outro dia braço direito de Medeiros. Este, lembrando a morte da atriz Daniela Perez, só responde: "Bira? Basta o da novela!" Enquanto isso, a Chapa 2, da CUT, se diverte.

**NOIVADO NÃO ROMPIDO.** É o que afirma o presidente do Sindicato dos Petroleiros de São Paulo, José Samuel Magalhães, em carta ao **Brasil Agora**, contestando a informação deste espaço, segundo a qual estaria interrompido o processo de unificação daquele sindicato com o dos petroleiros de Mauá. Samuel afirma que "o processo aprovado em assembléias simultâneas em 7 de janeiro de 1992 está sendo encaminhado dentro do calendário proposto". Ficou devendo, porém, esclarecer qual este calendário, quais são os passos concretos já definidos para 1993 e por que o boletim comum dos dois sindicatos deixou de circular. Se não houve "ruptura do noivado", no mínimo dá pra perceber que a relação dos noivos está devagar.

**DOIS EM UM.** No dia 5 de março aconteceu a "Assembléia da Fusão" dos sindicatos dos metalúrgicos de São Bernardo e de Santo André. Está surgindo o poderoso "Sindicato dos Metalúrgicos do ABC", que terá sua primeira diretoria eleita a partir de 24 de maio. A chapa única da CUT vai ter 34 nomes de São Bernardo e 30 de Santo André. Os metalúrgicos de São Caetano, porém, ainda não se integraram, pois o presidente do sindicato local, Aparecido Inácio da Silva, ligado à Força Sindical, nem discute o assunto.

**BRIZOLA QUE SE CUIDE.** O SEPE do Rio, sindicato que agrupa mais de 200 mil professores e funcionários das redes estadual e municipal, já se aquece para a campanha salarial de maio. Começa a jogar todas as suas fichas nas eleições de representantes por escola e numa campanha de sindicalização. A diretoria entende que a maior participação da base é a chave para exigir do governador algo mais para a educação do que a defesa dos CIEPs.

**BATIZADO.** Ribeirão Preto ficou um dia inteiro parada em função da greve dos trabalhadores dos transportes coletivos neste final de fevereiro. Cerca de 800 motoristas e cobradores das 4 empresas de ônibus - uma municipal e três particulares - exigiam um reajuste salarial de 90%. O prefeito Antonio Palocci Filho, do PT, teve assim sua primeira prova de fogo. Os empresários, para variar, queriam aproveitar a ocasião para descolar um aumento nas tarifas.



# A batalha da telefonia móvel

*Os telefônicos estão impedindo que as telecomunicações caiam nas mãos de grupos como o de Roberto Marinho*

**L**onge dos holofotes da grande imprensa, e enfrentando muitas vezes a incompreensão e a falta de conhecimento de certos setores da esquerda, uma categoria de trabalhadores organizada nacionalmente - os telefônicos - vem obtendo desde o final do governo Sarney êxitos notáveis contra a privatização de um setor estratégico da economia brasileira. Através da mobilização, da busca do apoio amplo de lideranças políticas e de ação competente na Justiça, conseguiram derrotar sucessivamente os planos de quatro ministros: Antonio Carlos Magalhães, Ozires Silva, João Santana e Hugo Napoleão. Prepararam-se para deflagrar, nas próximas semanas, um movimento ainda mais amplo, que tem a pretensão de envolver outras categorias e desaguar em manifestações de massa importantes.

A batalha dos telefônicos não se volta contra um inimigo visível - os leilões de empresas estatais, que atingem os setores siderúrgico e petroquímico por exemplo. Ela enfrenta uma ação subterrânea de grandes conglomerados nacionais e estrangeiros. Ao longo dos quatro últimos governos, representantes destes grupos no Executivo e no Congresso Nacional desencadearam uma campanha de surdinas, bastidores e ardis para eliminar na prática o monopólio estatal nas telecomunicações. A estratégia dos privatistas concentra-se, neste primeiro momento, em retirar do Estado o *filé-mignon* do setor, que é representado pelos serviços de telefonia móvel e de comunicação de dados. Até o momento, porém, ela tem sido sistematicamente derrotada pelos trabalhadores.

**CONCORRÊNCIAS INCONSTITUCIONAIS.** O engenheiro Paulo Eduardo Gomes, secretário-geral da Federação Interestadual dos Telefônicos da CUT - Fittel, relatou para **Brasil Agora** os últimos lances da ação anti-estatal. "Entre o final do governo Sarney, quando Antonio Carlos Magalhães ocupava o Ministério das Comunicações, e o início da gestão Collor", diz ele, "o Executivo vem tentando, através uma sucessão de decretos e portarias, descaracterizar a operação dos telefones móveis como um tipo de telefonia. Procura qualificá-la com o pomposo título de 'serviço rádio-móvel restrito'".

Os objetivos estão longe de ser semânticos. "Se nos próximos meses a ação da Fittel for derrotada", prossegue o secretário-geral, "poderão prosseguir em vários estados as concorrências para exploração privada dos serviços de telefonia móvel, hoje paralisadas". Ele denuncia: em 28 de janeiro o atual ministro das Comunicações, Hugo Napoleão, confessou pretender tal objetivo, contestado um dia antes pela Procuradoria Geral da República.

**COBIÇA DOS CONGLOMERADOS.** Uma longa série de empresas nacionais e estrangeiras - entre as quais figura com destaque o grupo NEC, formado por Roberto Marinho em associação com capitais japoneses - cobiça explorar tais serviços. Primeiro, porque eles são vistos hoje em todo o mundo como um dos grandes pólos de expansão dos negócios nas próximas décadas. Segundo, e ainda mais importante, porque os próprios rumos seguidos pelo desenvolvimento tecnológico do setor nos últimos anos indica que o controle da telefonia móvel levará, ao domínio de todo o aparato de telecomunicações.



ACM: Tentativa de mudar a Carta por decreto

É o próprio Paulo Eduardo quem explica: "Ao longo das duas últimas décadas a ação da Telebrás e da Embratel - as estatais que controlam as telecomunicações no Brasil - levou à expansão acelerada da chamada *rede básica de telefonia*", diz ele. Constituída por milhões de quilômetros de cabos aéreos e subterrâneos, é a rede básica que permitiu estender a todo o país o acesso ao serviço telefônico. "Até 1965, quando o setor estava entregue à iniciativa privada", destaca Paulo, "tal serviço estava restrito, essencialmente, aos grandes centros urbanos".

**PAPEL ESTATAL.** A Telebrás e suas subsidiárias executaram também, ao longo de sua existência, uma notável modernização do serviço telefônico nacional. "Graças a elas, e ao esforço do povo brasileiro", continua o secretário-geral da Fittel, "surgiram os serviços de discagem direta interurbana e internacional e criou-se um avançado serviço de comunicações de dados, que permite integrar redes nacionais de computadores".

Paulo Eduardo lembra, porém, que

nos últimos anos surgiram novos serviços que se apoiam na rede básica de telefonia, mas que, devido a condições especiais de mercado, permitem obter lucratividade infinitamente superior à alcançada na exploração dos telefones comuns. É o caso da telefonia móvel e da comunicação de dados. "A tendência internacional", diz ele, "é consumirem-se na rede básica 70% dos investimentos em telecomunicações. No entanto, ela permite obter apenas 25% da receita do sistema".

**INTERESSE NO FILÉ.** "Durante os debates que se travaram na Constituinte", diz Paulo Eduardo, "a iniciativa privada jamais mostrou qualquer interesse em operar a rede básica de telefonia, considerada o *osso* do sistema. Iniciou, no entanto", lembra ele, "um movimento para apoderar-se do *filé mignon*". Empregou o método antidemocrático e rasteiro de alterar a letra e o sentido da Constituição através dos decretos citados pelo secretário-geral da Fittel.

"Desde antes de sua fundação a entidade já se mobilizava contra a tentativa", lembra o técnico Marcelo Branco, diretor de imprensa da Fittel. "Ainda em 87", recorda, "uma greve nacional insurgiu-se contra um acordo entre a Embratel, a Rede Globo e o Bradesco, que pretendia transferir para as duas últimas empresas toda a operação dos serviços de comunicação de dados".

**VACILAÇÕES DE ITAMAR.** A ação da Fittel prosseguiu durante os trabalhos da Constituinte e logrou, através de forte pressão em plenário e articulação política ampla, consagrar na Carta Magna o monopólio estatal no setor. Mais tarde, diante da ação de sucessivos governos para privatizar *na marra* a telefonia móvel, a entidade serviu-se de ações judiciais e recursos junto à Procuradoria Geral da República. Conseguiu até o momento suspender as concorrências em São Paulo, no Rio, em Minas e Pernambuco. O movimento deve, segundo Célio Cruz, outro diretor da entidade, "expandir-se nos próximos meses, e somar-se à campanha dos petroleiros pela defesa da Petrobrás e manutenção do monopólio estatal de petróleo". Incentivada pelas duas categorias, a CUT promoverá um seminário nacional em defesa das estatais, entre 21 e 22 de março.

Após a posse do governo Itamar, e apesar das afirmações insistentes do ministro Hugo Napoleão, houve um ligeiro arrefecimento das pressões privatistas, afirma Marcelo Branco. "Ao tentar fazer composições que vão de um extremo a outro do espectro político", critica no entanto Paulo Eduardo, "o governo tende à ambigüidade, e ao não atendimento das reivindicações dos trabalhadores". Entre elas, ele cita no momento a retirada imediata de todas as iniciativas anticonstitucionais do governo anterior - não atendida até o momento -, e fortalecimento do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Telebrás - cujo processo de sucateamento começou no governo Collor e ainda não foi interrompido.

ANTONIO MARTINS

# Amplia-se a luta contra filas

As iniciativas municipais não são suficientes, mas reforçam o movimento.

Criar mais um turno de trabalho e ampliar o horário de atendimento nos bancos, que voltaria a ser das 9 às 17 horas. Essa luta dos bancários, que diminuiria muito as filas nos bancos, teve um passo concreto com um projeto de lei do vereador carioca Edson Santos (PCdoB), tratado no Brasil Agora nº 33. Parlamentares e sindicalistas comentam e prometem estender o movimento para todo o Brasil.



Todo mundo é favorável à ampliação do horário de atendimento ao público nos bancos, com exceção dos banqueiros. Eles teriam que contratar mais funcionários e, assim, diminuir um pouco seus lucros. Isso é o que afirma o deputado federal José Fortunatti (RS), representante do PT na comissão especial do Congresso que estuda a reestruturação do sistema financeiro nacional.

A comissão, com 18 membros, reúne pesos pesados de todos os partidos, como Roberto Campos (PDS), Benito Gama (PMDB) e José Serra (PSDB). Uma das suas funções é regulamentar o artigo 192 da Constituição de 1988, que trata do assunto. Enquanto isso não ocorrer, vale a Lei 4.595, de 31.12.64, que atribui ao Banco

Central a competência para decidir sobre a questão. Para Fortunatti, o caminho para conseguir concretizar essa reivindicação é através dessa comissão (a maioria desfavorável aos bancários) ou de negociações com o governo federal. Exige, portanto, um movimento amplo, nacional, dos bancários e da sociedade civil.

Isso, a seu ver, não invalida iniciativas como a do vereador carioca, que ajudam a ampliar a pressão por uma decisão favorável. Mas, lembra ele, é muito importante que a regulamentação seja clara ao definir a criação de mais um turno de trabalho e que haja fiscalização, pois os bancários já hoje deveriam trabalhar 6 horas por dia, mas têm sempre

trabalhos a serem feitos antes da agência abrir e depois que ela fecha.

**APOIO GERAL.** O deputado federal Luís Gushiken (PT-SP) concorda com Fortunatti e acha que o caminho é uma campanha unificada para convencer o governo federal a baixar uma portaria. Esse convencimento seria no sentido de mostrar que a maior beneficiada será a sociedade, pois o argumento de ampliação do número de empregos valeria para qualquer categoria profissional.

O sindicalista Plínio Bortolotti, do Ceará, lembra que houve iniciativa semelhante à do Rio em Fortaleza, no tempo da prefeita Luíza Fontenelle, mas os banqueiros conseguiram

mandado de segurança contrário. O mesmo aconteceu também em Porto Alegre e Viamão (RS). Bortolotti elogia a iniciativa do Rio, mas defende uma luta "ultracoordenada" pela Confederação Nacional dos Bancários (CNB) e pela CUT para conseguir a ampliação do horário.

O presidente da CNB e secretário-geral do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Ricardo Berzoin, lembra que a decisão por essa luta data de 1969, pelo movimento sindical bancário, mas ela foi atropelada pelo Plano Collor, quando os banqueiros, em vez de aumentar, queriam diminuir o horário de atendimento. Mas o movimento está em reorganização para uma luta nacional.

Em São Paulo, há dois anos, a então vereadora Tita Dias (PT) procurou, com assessores jurídicos, uma "brecha" na legislação para um projeto semelhante ao que corre na Câmara do Rio, mas não achou. O atual líder do PT na Câmara, Devanir Ribeiro, procura informar-se sobre o assunto e, havendo essa "brecha", tomará iniciativa nesse sentido. Curiosamente, por outro motivo - o de fluxo de trânsito -, quem também quer a alteração e ampliação do horário dos bancos é o secretário municipal de Transportes, Getúlio Hanashiro, que propõe as alternativas de horário das 7 às 16 ou das 10 às 19 horas, com o que os banqueiros não concordam.

MOUZAR BENEDITO

## RADIALISTAS

# Democracia racial na comunicação

Radialistas querem mais negros e melhor imagem racial na TV

A mídia reduz, deturpa ou omite a imagem dos negros e dá preferência aos brancos, o que cria problemas sociais e trabalhistas. Com esta afirmação, Antonio Marcolino Filho, da diretoria colegiada do Sindicato dos Radialistas (rádio e TV) do Estado de São Paulo, marca um novo momento na luta da categoria e toca corajosamente um assunto que os donos dos meios de comunicação não gostam nem de ouvir falar: a prática do racismo no tratamento temático e na seleção de profissionais, especialmente na TV.

Portanto, na campanha salarial deste ano, programada para abril, além de negociação de salários, piso salarial unificado e outras reivindicações, os radialistas de São Paulo reivindicarão também a democratização dos meios de comunicação e um tratamento equilibrado na seleção de repórteres e apresentadores dos programas de TV.

A diretoria agora só estuda como fazê-lo. A proposta original, de que "cada TV apresente um negro para cada profissional branco que aparece no vídeo", está sendo submetida à análise de intelectuais, assessor

res sindicais e lideranças negras.

"Não queremos uma proposta exagerada, desproporcional à realidade, ressentida ou radical, mas justa e democrática, que mude a situação atual, afirma. O sindicato contratará pesquisa para conhecer o perfil, as necessidades e formas de discriminação sofridas pela categoria.

A diretoria já começou a estudar um documento, do ad-

vogado José Roberto Militão, do Instituto do Negro, sobre Políticas Afirmativas, aplicadas nos EUA a partir dos anos 60, democratizando racialmente as relações de trabalho naquele país.

**DISCRIMINAÇÃO.** Além de profissionais negros qualificados, que estão desempregados ou sem oportunidade de progredir por não se adequarem

aos padrões estéticos e raciais dos meios de comunicação, Marcolino calcula que 80% dos trabalhadores de rádio e TV, nas áreas técnicas e de produção, como contra-regras, auxiliares de iluminação, diretores de palco, assistentes de estúdio, boomem, operadores de teleprompter, rádio-fiscais (uma espécie de rádio escuta, que controla os anúncios publicitários), auxiliares de discotecário,

discotecário e outras, principalmente no interior do estado, são negros. Apesar disto, os nomes famosos e apresentados de TV são brancos.

Ele diz que isto ocorre porque os profissionais só com experiência prática estão sendo desrespeitados e privados de chances e oportunidades para progredir no mercado. A legislação exige qualificação técnica e registro profissional. Entre as possibilidades está a rediscussão da legislação, a definição de quotas mínimas de participação de negros nos programas de TV e mecanismos para a qualificação técnica dos profissionais com experiência prática.

No caso dos negros ele disse também que os filhos daqueles trabalhadores e a maioria das crianças negras brasileiras, "sem símbolos ou heróis, que as estimulem a brigar e competir por um lugar adequado no mercado de trabalho, são prejudicados pela mídia, que os leva a se acomodar. A imagem do negro na mídia é uma violência psicológica, que o Sindicato dos Radialistas tem de combater", afirmou.

HAMILTON CARDOSO

## HÁ CINCO ANOS, O DEBATE ANTI-RACISTA

O debate começou há cinco anos, ganhou força em 1992 e, por decisão dos dirigentes, se consolidou entre os diretores dos radialistas.

Em abril, a funcionária da TVS, Maria Alice Alves, coordenadora do programa Dó-Ré-Mi, foi acusada de incompetência e demitida por colocar crianças negras na frente da platéia. O sindicato reagiu e alertou a sociedade civil. O diretor do programa, Wanderlei Villa Nova, perdeu o cargo.

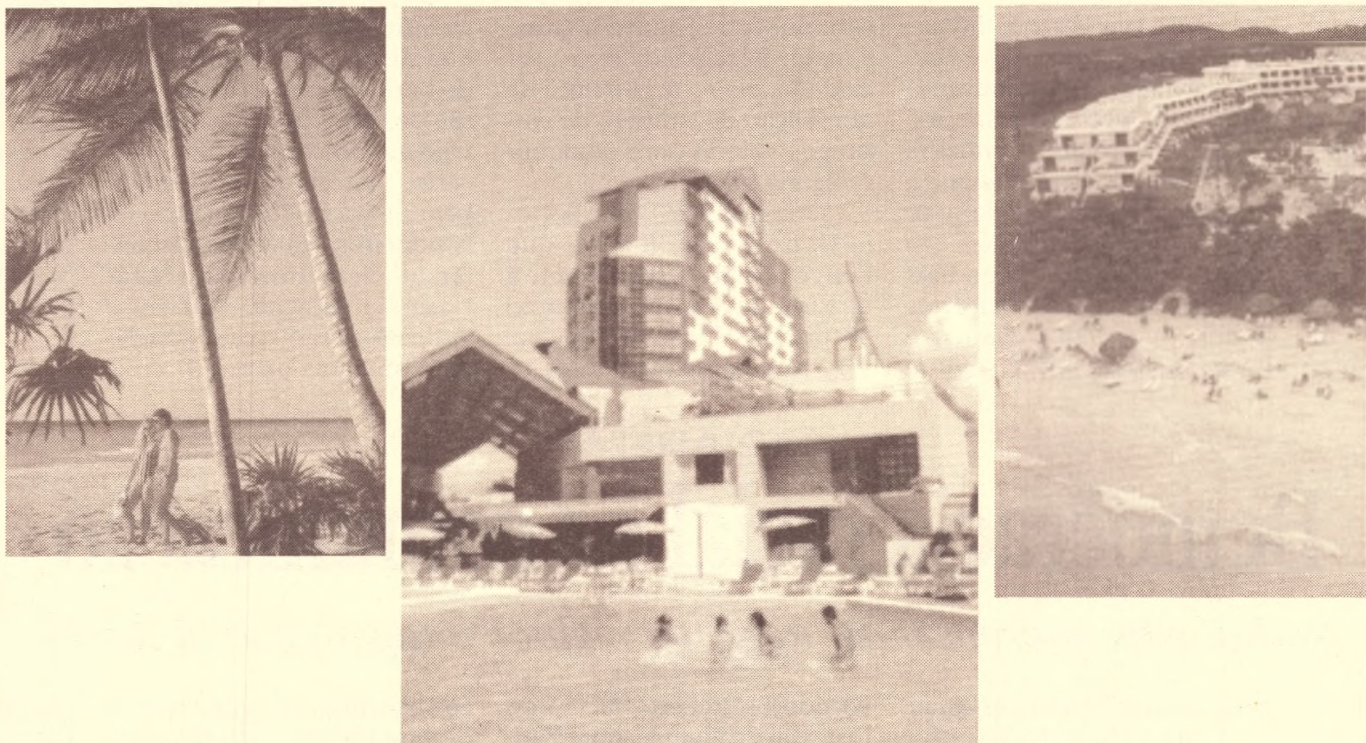
No fim de 1992, os sindicalistas contataram o assessor sindical Hedio da Silva Jr., do CEERT - Centro de Estudos das Relações Raciais no Trabalho e das Desigualdades - para ministrar um curso de Capacitação Sindical na Questão Racial aos radialistas. Ele revelou que outros sindicatos, como os bancários de Florianópolis e de São Paulo, também querem incluir o anti-racismo em suas reivindicações.

Segundo Arnaldo Marcolino, entre outras coisas o curso resgata a história das lutas trabalhistas. "Não creio que o movimento dos trabalhadores só começou com a imigração", diz.

Ele cita dirigentes sindicais como Vicentinho, dos metalúrgicos do ABC, para acrescentar: "O momento para incluir o anti-racismo no sindicalismo é agora. Aumenta em número, qualidade e importância os negros dirigentes sindicais".

O texto sobre Políticas Afirmativas relata a sua aplicação por Lyndon Johnson, nos EUA, iniciando a democratização racial das relações de trabalho. Através de trabalhadores negros elas também foram exportadas para a África do Sul para combater o apartheid e, atualmente, podem ser aplicadas na PUC-SP, que reservará 10% das bolsas de estudos para estudantes negros.

# Quem você levaria para esta ilha?



*Cheia de sol, com um mar que só o Caribe tem,  
deliciosas bebidas como o mojitos e o daiquiri  
que encantaram o escritor Ernest Hemingway,  
uma música sensual e convidativa... Tudo isto é Cuba.  
Pra completar, hospedagem em hotéis de primeira categoria.*

*Não é sonho nem utopia  
e custa muito menos do que você pensa.*

#### **Programa Especial "Las Yagrumas"**

Tudo incluído por apenas US\$ 999,00 por pessoa,  
em apartamento duplo.  
Saídas todas as sextas-feiras.

 **cubanacan S.A.**

# Novo fôlego de Fidel

As eleições fortaleceram o governo

Certamente nossa concepção de socialismo e democracia é diferente do PC cubano. Isto não deve nos levar à omissão na denúncia do bloqueio que é intolerável, da Lei Torricelli e na defesa do direito do povo cubano à soberania e à dignidade nacionais. Cuba está de pé. Ganhou fôlego com as eleições.

A primeira impressão que tive ao chegar a Havana reforçava o pessimismo que a grande imprensa vem difundindo sobre Cuba: edificações desgastadas, ônibus e carros velhos e remendados, prateleiras vazias nas lojas e armazéns. Dias depois, entretanto, retorno ao Brasil convicto de que Cuba está dando a volta por cima. Por trás da má aparência dos prédios, há um povo organizado, com forte sentimento de honra e dignidade nacional, dono de um potencial e de uma vontade extraordinários.

A implosão da URSS e de seus aliados - com os quais Cuba mantinha 85% de seu comércio -, associada ao bloqueio promovido pelos EUA, agora reforçado pela Lei Torricelli, pareciam aos olhos burgueses suficientes para forçar a queda do regime.

Mas Cuba reagiu. Com 40% do combustível que utilizava em 1989, o racionamento voltou e as importações foram reduzidas de US\$ 8 bi em 1989 para US\$ 2,2 em 1992. Sumiram ou diminuíram diversos produtos de consumo.

Por que, então, a população, sofrendo os efeitos desta economia de guerra, entende e apoia a Revolução?

**ESFORÇO COLETIVO.** É que o povo é informado das dificuldades e participa do esforço para reverter a crise. A formidável estrutura de educação e de saúde, bem como os salários nas empresas em dificuldades, foram mantidos. A alternativa de transporte bem-su-

cedida das bicicletas, a compensação da redução de meios mecânicos pelo trabalho voluntário no campo, todos esses fatores garantiram um país sem mendigos, pivetes, moradores de rua e favelas ou explosão de criminalidade. E o povo compartilha da confiança dos governantes de que o país voltará a crescer após o "período especial".

De fato, há motivos para acreditar. O turismo cresce a 30% ao ano. Cuba arrecadou US\$ 400 milhões em 1992 e espera US\$ 1 bi em 1995. Para isso, investe-se na rede hoteleira. As belezas naturais, a riqueza cultural, a estabilidade social e a segurança sanitária são trunfos cubanos para atrair turistas do mundo inteiro.

Para superar a carência de energia, Cuba busca petróleo no mar através de contratos de risco, inclusive com a Petrobrás. Desenvolvem-se alternativas

energéticas. Os avanços notáveis na medicina, biotecnologia e engenharia genética ocorrem junto às pesquisas para substituir herbicidas, fertilizantes, sementes e suprimentos para os rebanhos. Busca-se a diversificação

na agricultura, para romper a dependência do açúcar, cujo preço vem despencando.

**NILMÁRIO MIRANDA**  
deputado federal (PT/MG)  
acompanhou as eleições em Cuba



MAX SANTOS

## O PROCESSO ELEITORAL

As eleições de 24 de fevereiro provocaram uma intensa mobilização popular em Cuba, previamente e no dia da votação. A grande novidade desta vez é que se elegiam diretamente os deputados à Assembléia Nacional que, entre outras atribuições, indica o chefe e o Conselho de Estado. Antes, a indicação da Assembléia Nacional era indireta, através dos eleitos para as Assembléias Provinciais, que, por sua vez, eram eleitos pelos Conselhos Populares (municipais). Desta vez também as Assembléias Provinciais foram eleitas diretamente, e no mesmo dia.

Para chegar a esse resultado, os cubanos, que vivem sob um regime de partido único (o Partido Comunista Cubano), organizaram um sistema bastante complexo. O ponto de partida deste processo eram as reuniões por circunscrição convocadas pelas chamadas "organizações de massa": a Central Única de Trabalhadores, as duas federações estudantis, a de Mulheres, a de Pequenos Agricultores (que são proprietários cooperativados ou não) e a de Professores. Estas reuniões, conjuntamente com um processo de escolha de representantes municipais, escolheram uma lista de pré-candidatos (havia cerca de 5.500) e ao mesmo tempo escolheram "Comissões de Candidatu-

ras", formadas por representantes seus sob a presidência do delegado da CUT.

Estas Comissões fizeram uma triagem dos nomes apresentados através de seus currículos, e acrescentaram outros, considerados como relevantes. Esta lista de nomes foi levada de volta às reuniões das "organizações de massa", que os rediscutiram e reindicaram ou não; e, à luz desta segunda discussão, as Comissões de Candidatura elaboraram as listas definitivas de candidatos que foram às eleições. Este processo realizou-se à margem do Partido, embora, é claro, não fugisse da sua influência, através de seus militantes.

Em Santiago de Cuba, por exemplo, 89% dos indicados eram militantes do Partido (não necessariamente dirigentes) e 7,9% pertenciam à Juventude Comunista. Ao todo, foram indicados 589 candidatos para a Assembléia Nacional e 1.190 candidatos para as Assembléias Provinciais. Destes, seriam considerados eleitos todos os que obtivessem 50% mais um dos votos válidos (nem brancos nem nulos) em sua circunscrição ou distrito eleitoral. O governo cubano chamou o voto "por todos", o "sim por Cuba", acrescentando um toque plebiscitário ao processo.

(FA)

## SEM PORTEIRA

JOSÉ CORRÊA

**NOVA ORDEM.** 1992 foi o ano mais violento desde a Segunda Guerra Mundial. Ocorreram 52 conflitos bélicos. A maioria na África e Ásia; outros são frutos da decomposição da URSS. Mas pela primeira vez em quase meio século uma guerra sacode a Europa. Dois milhões de refugiados da ex-Iugoslávia espalham-se pelo Velho Continente.

**ONDA DE DEMISSÕES.** Algumas das principais empresas do mundo anunciaram neste início de ano gigantescos cortes de postos de trabalho: 30 mil na Boeing, 70 mil na GM, 40 na IBM, 30 na Volks, 30 na NTT japonesa, 4 mil na Krupp (de um total de 40 mil na siderurgia alemã), 5 mil na Nissam.

**IMPLOÇÃO DO PS FRANCÊS.** Anuncia-se uma derrota avassaladora para o PS nas eleições legislativas de 21 e 28 de março na França. As pesquisas apontam cerca de 40% dos votos para a direita e 20% para o Partido Socialista. A recessão, o desemprego e uma sucessão de escândalos e denúncias de corrupção envolvendo quase todos os seus principais dirigentes levou o ex-premiê Michael Rocard a antecipar-se a implosão do PS. Ele propõe sua substituição por uma coalizão de ecologistas, comunistas, socialistas diversos etc.

**ESTAGNAÇÃO.** Os últimos meses assistiram uma pequena retomada da economia dos EUA, mas também um agravamento da recessão na Europa e Japão. Clinton afasta-se do modelo neoliberal e retoma a velha receita keynesiana - mais impostos e investimentos governamentais, política industrial e até se aventa o controle de preços na indústria farmacêutica. Mas nada disso parece animar os analistas mais argutos, como o economista Lester Thurow, do MIT que continua acreditando no pior.

**EMPRESÁRIOS NA CADEIA.** O Collorgate que abalou a política italiana tem um ponto em comum com o caso brasileiro, a presença de secretárias: prenderam a auxiliar direta do ex-líder socialista Benito Craxi. Mas lá, as investigações de subornos de 20 bilhões de dólares pagos em 12 anos já provocaram o indiciamento de 1020 pessoas, a prisão de 831 e sete suicídios (no caso PC só foram indiciados 31). E agora estão pegando os empresários que subornaram.

# Assine o Brasil Agora e voe de graça para Cuba

Fazendo uma assinatura de apoio do **Brasil Agora** em duas vezes, você ajuda a construir uma imprensa crítica e livre, e ainda concorre a uma viagem de uma semana a Cuba, incluindo passagem aérea, traslado de chegada e saída, visto, seguro de viagem e 6 diárias com meia pensão no Hotel Tuxpan, na maravilhosa praia de Varadero.

DE GRÁTIS ATÉ EU QUERO, ...  
GARÇOM... MANDA UMA  
ASSINATURA E UMA GARRAFA  
DE RUM!



REENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à **EDITORIA BRASIL AGORA LTDA**, Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fone (011) 222.6318

NOME \_\_\_\_\_  
ENDEREÇO \_\_\_\_\_  
CIDADE \_\_\_\_\_  
FONE \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
PROFISSÃO \_\_\_\_\_

- Assinatura 12 edições Cr\$ 250.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral) US\$ 30,00
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 500.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 830.000,00

ESTA PROMOÇÃO É VÁLIDA PARA ASSINATURAS DE APOIO FEITAS A PARTIR DE 21/01/93. SERÃO FEITOS 2 SORTEIOS. SERÃO SORTEADAS DUAS VIAGENS NO 1º SORTEIO, DIA 31/03/93 NA SEDE DO JORNAL

# Meninos eu vi

*Quarenta anos  
de utopias,  
acertos e desacertos  
concentrados em  
Santiago de Cuba*

Fidel Castro, o "Comandante", como dizem (carinhosamente) os cubanos, votou em Santiago de Cuba, como candidato a deputado por uma de suas circunscrições. Como jornalista credenciado, acompanhei aí o processo final de mobilização e votação nesta histórica eleição, que os cubanos consideram como um dos segundos eventos de maior importância da Revolução Cubana, ao lado da derrota da invasão mercenária de Playa Girón, em 1961. Maior que estes, só o "Triunfo da Revolução", como dizem, em 1º de janeiro de 1959, quando o ditador Batista foge. Até o fracassado assalto ao Quartel de Moncada, hoje Escola 26 de julho, em 1953, marco inicial da jornada revolucionária, ficou um pouco à sombra. Como os cubanos usam e gostam de um lenço vermelho no pescoço, sentia-me um pouco um maragato petista em meio àquela onda de utopias a cantar e dançar pelas ruas, que era a população "santiagueña" a protagonizar e festejar as eleições.

Aí mesmo, ao pé do ex-quartel de Moncada, começou a festa, com uma manifestação na noite de 23. Gritos, o discurso (curto) de Fidel, e principalmente muitos gritos e saudações da multidão ali concentrada. Cantavam até um "Olê olê olê olê... Fidel... Fidel..." reconhecidamente copiado do Brasil de 1989. Eu já vinha preparado por uma estadia de algumas semanas em Havana, onde testemunhei as inegáveis conquistas (principalmente em educação, saúde, erradicação da miséria e do racismo) da Revolução, e as dificuldades e angústias povoadas pela situação do "regime especial" em que agora vivem os cubanos. Pode-se dizer, claro, que o governo cubano tenha sua parte de responsabilidade por esta situação, na medida em que não tomou (e muitas vezes não pode tomar) providências anteriores para dotar a ilha de uma auto-suficiência maior. Mas Cuba é ilha; geograficamente não é um gigante; e é inegável também que esta responsabilidade interna é pequena diante da do criminoso bloqueio norte-americano, que coloca este povo numa situação virtual de guerra. Particularmente, um acontecimento despertou-me a atenção. No centro de Havana as crianças cercam os turistas, pedindo chicletes, canetas, lápis, moedas. Não são miseráveis, mas pedem o que lhes falta. Um amigo meu foi assim abordado, e recusou a caneta. Depois, sem querer (ele jura) deixou-a cair, e seguiu, sem perceber. A mesma menina que lhe pedira a cobiçada caneta veio correndo devolvê-la: "senhor, senhor, su bolígrafo...". Depois disso, qualquer comparação com as nossas miseráveis sociedades latino-americanas tem um descabimento de anos-luz. No centro de Havana,

morar às vezes é difícil: as casas são velhas, muitas seculares ou bisseculares. Repartidas em diversas habitações, lembram cortiços. Paira a vontade de chamá-las de "favelas". Não são. São simplesmente casas velhas, habitadas por uma população não miserável, digna, que não vive das sobras de uma opulência consumista. Ou seja, dificuldades há, mas há como enfrentá-las, e a população tem confiança: confiança em que não há um sistema de corrupção ou atravessamento implantado no governo.

**FESTA ELEITORAL.** Dentro desse quadro, a votação em Santiago (a primeira cidade a ser tomada pelos rebeldes em 1959) foi uma apoteose. Às sete da manhã havia extensas filas nos postos de

votação. Os primeiros exibindo o seu orgulho. Ouviu-se o hino nacional. Começa a votação... e a música salseada, dentro de um clima em que se misturam espírito cívico e clima de festa. Os grupos de jornalistas se repartem pela cidade, coberta de ladeiras, locais históricos e principalmente... gente, muita gente. Ouvimos alguns jovens. Têm confiança no futuro, apesar das dificuldades: esperam ser o que "querem ser". Engenheiro um, enfermeira outra, professor aquela, jogador de beisebol ainda o outro. Dizem em coro: não somos comunistas (quer dizer, não somos do Parti-

do ou da Juventude Comunista), "somos fidelistas, com Fidel vamos até o fim..."

Às dez e meia, acompanhamos a votação de Fidel, em meio a uma massa humana concentrada para ver, tocar, falar ao "Comandante". Tudo tem um ar de espontaneidade, as eventuais palavras de ordem perdem-se em meio aos gritos espontâneos, à música que sempre alguém ouve. Fidel vota e aproxima-se da imprensa. Em meio a perguntas e respostas sobre a situação de escassez, o quadro político, as expectativas de renovação na Assembleia Nacional, combina-se uma coletiva à noite e uma excursão à cidade de "El Cobre" à tarde.

**DEVOÇÃO.** "El Cobre" é um lugar de devoção dos cubanos. Ali está a milagrosa "Virgem de la Caridad", a cujos pés repousam, entre milhares de oferendas, a medalha do escritor Ernest Hemingway, símbolo do Prêmio Nobel, o ex-voto que a mãe de

Fidel e Raul Castro dedicou à Virgem para que nada acontecesse a seus filhos na Sierra Maestra, um pouco de terra da lua ganho por um astronauta cubano, peças de roupa dos brigadistas que lutaram em Angola, em Girón, na Sierra. A chegada de Fidel e da comitiva de jornalistas é um sucesso. Mais de cinco mil pessoas se acotovellavam nas poucas ruas e na pequena praça para presenciar o evento. Ali se processa uma "entrevista coletiva" misturando povo e jornalistas. Fidel fica de moderador; os jornalistas perguntam, populares respondem. Não há ensaio. Não se evitam as perguntas incômodas. "Como vêem o sistema unipartidário, que não permite ampla escolha", pergunta um jornalista finlandês. As câmaras de TV transmitem tudo ao vivo. As pessoas respondem: "Conhecemos os candidatos, participamos da sua escolha como candidatos". "Temem o futuro?", pergunta outra. E por aí vai a entrevista-comício, feito ímpar na história do jornalismo provocado por esta singular eleição-plebiscito. *El Cobre* me dá saudades - que dedico a esta Virgem da Caridade, aqui de longe...

**CINCO ANOS.** À noite, Fidel está descontraído. A eleição foi um sucesso, embora não se tenham os números ainda. De manhã, falou o estadista; à tarde, o bem-humorado e carismático líder que fala às pessoas olhando-as nos olhos, quase nunca para a câmera de TV ou fotográfica. À noite, vê-se o analista da situação, e inclusive da sua própria situação. Diante da pergunta sobre se vai se apresentar como o candidato daqui há cinco anos, Fidel começa dizendo que mesmo os maratonistas se cansam. Que espera que o povo compreenda isso daqui há cinco anos. Sem bloqueio, o quadro é um, com bloqueio, o quadro é outro. No dia seguinte, a BBC de Londres à frente, anunciava-se que Fidel dissera que se retirava em cinco anos. Na verdade, ele foi mais sutil. Mas que deixou uma porta aberta a todas as conversações, deixou. Inclusive pelos elogios pessoais que fez a Clinton.

No fim da entrevista, peço a Fidel: "Comandante, una palabra para el Partido de los Trabajadores, de Brasil..."

Ele se aproxima. Mostro-lhe a estrela: "El PT de Lula..." "Dile que espero que vença las elecciones..." diz ele. "Yo también", retruco, pensando: até aí, estamos iguais. "... Pa que vea lo que es gobernar!", emenda ele, sorrindo. Quando se afasta, depois de um rápido e leve abraço sob o olhar vigilante dos seguranças, iam naqueles olhos um brilho não sei se de esperança ou de ironia. Provavelmente de ambos.

FLÁVIO AGUIAR

Enviado especial a Santiago de Cuba



JUAN ESTEY/FOLHA IMAGEM

## UM PUNHADO DE BRAVOS

### A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES EM CUBA

As eleições de 24 de fevereiro em Cuba foram um acontecimento de primeira grandeza para a imprensa mundial. Havia 200 jornalistas de 50 empresas jornalísticas do mundo inteiro credenciados no Centro de Prensa Internacional, incluindo os da BBC, das redes norte-americanas ABC e CNN, das TVs japonesa, espanhola, alemã e dos principais jornais impressos e rádios destes e de outros países, como México, Venezuela, Itália, Portugal e muitos e muitos outros. Destes, 80 jornalistas, mais 20 da TV, rádio e jornais cubanos acompanharam a votação em Santiago de Cuba, no leste do país, lugar onde votou o presidente Fidel Castro. Havia uma programação organizada pelo Centro de Prensa, que consistiu na visita a locais de votação desde as 7 horas da manhã, em acompanhar o voto do Comandante Fidel, ir com ele a um município do interior (El Cobre), e uma entrevista coletiva com ele mesmo (a pedido dos jornalistas), que se realizou às dez horas da noite no hotel em Santiago. Além disso, tivemos inteira liberdade de ir e vir, de visitar locais de votação e de apuração, de conversar com a população e de perguntar e ouvir o que quiséssemos. Do Brasil, em Santiago, estávamos eu, pelo *Brasil Agora*, Luís Bernardes, que ficara de escrever matérias para o *Jornal do Brasil*, a jornalista Lorena, da RBS, que cobria para o *Zero Hora*, e duas jornalistas independentes que produziam material de vídeo, fotos e, no futuro, textos. A equipe da TV japonesa incluía jornalistas do seu escritório de São Paulo. Ficou inevitável o gosto de que a nossa grande, poderosa e provinciana grande imprensa passou ao largo deste acontecimento maior. Mas a presença e as perguntas do Brasil estiveram lá, levadas por este "punhado de bravos" que até por conta própria buscaram um jornalismo à altura da qualidade dos eventos presenciados.

(FLÁVIO AGUIAR)



# BRASIL AGORA

